CEMAP_SCAPS_OUTUBRO-75_N_1

OLHA AQUI MAIS UM JORNAL DA IMPRENSA NANICA.
CUADRINHOS, TEXTOS & CHEIRO FORTE.

documento crisis

VIETNAM
BALANÇO BALA POR BALA.

SCAPS.

No. 1 · Outubro 75 / Um jornal que respeita a grande imprensa como se fosse sua mãe. / Cr$ 4,00

Primeira remessa:
O Universo desencantado de Mafalda, Tio Patinhas, Carlos Lacerda, da educação pré-escolar, dos contratos de risco. Colonização & carne crua.

reportagem

O MUNDO ENCANTADO DO QUATRO BICOS.

Segunda remessa:
Veríssimo, Guarnieri, Alfredo Becerra, jornal fantasma, show de bola, Crisis & colesterol nas multinacionais. Uma agitação tranquila.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

BADALO

A LOJA A FAVOR DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER.

Antes da Badalo, as mulheres vestiam três modas diferentes.

Havia aquele tipo que se vestia na Europa; a que se vestia na Augusta; e a que pensava que estava bem vestida.

Badalo chegou, sacudiu o ambiente e favoreceu as coisas.

Inclusive implantou o sistema de crédito "Debite em minha Conta Corrente".

Badalo só tem novidades. Da Europa e da Rua Augusta. E o que é mais importante: está ensinando muita gente a se vestir melhor.

Passe na Badalo e comece a usar a roupa que você tem orgulho de mostrar a etiqueta.

VOCÊ JÁ SABE:
BADALO ANTES,
AUGUSTA DEPOIS.

BADALO
rua das flores

A TERRÍVEL COISA

L. F. VERÍSSIMO

A vida me ofende. Todo dia esse trem para Rezende. Esse grito que vende. Essa fuga para o Egito. Essa ajuda para Allende. Estou cheio, muito mais do que aflito, entende? LEMINSKI

Foi vocada a não ter vocações. Consumidora voraz e vorazmente consumida.

Literatura de bordel:

O MUNDO ENCANTADO DO QUATRO BICOS.

1º Martins Vaz:

Na frente, um castelinho de quatro bicos, pintado no mesmo tom de azul com que os artistas pintam seus paraísos de fadas. Dentro, mais de trinta mulheres, desde as chamadas "estragadinhas" até as consideradas "aviões". Prontas para entreter os solitários e os alegres. Agora: você não pode esquecer que o que elas querem é mole. E tem preço. Caso você dê ouvidos a mestre Isaias ("uma noite perdida nunca se recupera"), convém chegar calçado no ambiente, sabendo com quem está lidando.

Era 21,35 quando saltei do taxi no pátio do Quatro Bicos. O movimento de fregueses era pequeno, já que as pessoas costumam chegar depois das 11. Fico sabendo que dona Maria não se encontra em casa e o que é pior está de bronca com a imprensa. Digo que a conversa é outra, nada de prejudicar ninguém, que ninguém tem intensão de atrasar o lado de ninguém. Mas terei que aguardar no salão, onde você paga 30 cruzeiros para entrar com direito a uma dose. Entro e vou direto ao bar, fazer valer a mordida. No embalo compro duas fichinhas (cinco pratas) para a máquina de som, que até o momento estremecia com "A Boutique da Severina".

Esteve e ofereço uma das fichas à garota mais próxima. Para me agradar ela procura um nome estrangeiro no painel e cai creadence Clearwater Revival. Deve ser meu cabelo. Coloco minha ficha, cai Agnaldo Timóteo e ela se surpreende, talvez entendendo que usou uma ficha desnecessáriamente. A conversa começa e, após dez minutos de bate-bola, ela me desperta:

— Lá em Mato Grosso eu cursava o terceiro ano de jornalismo, quando resolvi descer para o Paraná.

— É mesmo? estalei, sem disfarçar a surpresa.

Ela riu, dizendo que ninguém acreditava nesta história.

Neste momento entra no salão uma mulher de avental verde (uniforme para serventes).

— A dona Maria pode atendê-lo. Rápido!

Saio num pique atrás da mulher, que me conduz ao interior de uma casa que se situa como uma ilha dentro do terreno todo. Ali, na cozinha, pairava um cheiro bom de café quente. Numa mesa, em frente, uma senhora de cabelos tingidos de negro, aparentando seus 50 anos, terminava de falar ao telefone. E se vira:

— Pois não? Deseja falar comigo?

É dona Maria Japonesa. Me apresento e vou dizendo que sei da bronca dela com a imprensa, que minha visita era profissional mas que me sentiria particularmente gratificado se ela me desse

2 Raimundo Caruso:

Não sei. Não lembro. Estas as respostas.

As perguntas foram: que chuva danada, hem? E olhando seus sapatos limpos e brilhantes: vocês devem ter uma equipe de engraxates aqui, hem?

Os sapatos. Quinze centímetros de salto de cortiça que elevavam a mulher até a altura dos meus cabeços.

Marcinha. Ela chegou, me pegou pela mão, convidou para tomar uma cerveja.

Peruca loura, calça de brim, colante, e uma blusa preta, de seda.

— Um uísque, então? Marcinha sorri, aperta ainda mais minha mão, se encosta amigavelmente, os seios apertados na blusa preta. O preço: 30 cruzeiros à dose. Cerveja, idem.

— Por enquanto, não. Não conheço isto aqui, primeiro quero dar uma espiada, tá?

— Eu me encontro na sala principal do "Quatro Bicos". À esquerda, uma saletinha com três poltronas brancas, e à direita, outra sala com móveis idênticos. A frente, mais poltronas e uma mesinha baixa, e na sala de entrada, cadeiras de fórmica, uma caixa de música. E no canto, à esquerda, um fogão à lenha, apagado, com três chaleiras limpas sobre a chapa.

Uma moça jovem, de menos de vinte anos, loira, e com uma capa de couro esbarra de leve em mim e pede um cigarro. Marcinha fecha a cara e a moça loira some.

— E volta umas trinta mulheres boas, roupas apertadas, disponíveis, e sempre fazendo alguma coisa, roçando o corpo, rindo e mascando chicletes, pedindo cigarro ou simulando algum interesse especial pelo novo visitante que chega. Outras, com movimentos aparentemente displicentes, mas minuciosamente calculados, arrumam os cabelos na frente dos grandes espelhos da sala principal, erguem os braços, estufam os peitos, armam pose de manequim.

Marcinha pergunta novamente: vamos tomar uma dose?

Ainda não, digo. Primeiro vamos conversar. Eu estava fazendo uma reportagem e não podia tirar papel da pasta para fazer qualquer anotação — ou seria notado.

Eu precisava ganhar tempo, gravar bem as coisas e descobrir a história daquela boate que eu não conhecia. Coisa simples.

Marcinha olha em volta, não encontra cliente à mão, pergunta se eu tenho dinheiro, eu digo que tenho algum, e então decide-se. Me leva para a saleta da esquerda, onde já se encontram sentados dois senhores, provavelmente secretários executivos, e trtês mulheres. Eles riem e falam alguma coisa sobre a Bahía.

— Marcinha, não se dança aqui?

— Não sei.

O papo está frio e Marcinha um pouco desconfiada.

— Você tem jeito de saber dançar melhor que aquelas moças do Chacrinha.

Tam-tam-ra-ram, castanholas na mão, Marcinha, você fecharia qualquer boate.

— Não sei dançar.

— Nem samba? Nem bolero, Nem Tango? Nem róqui?

— Róqui, sim. Nisso, eu sou tarada. Me pede um cigarro, acende,

Afastada e sempre a mão. Dá a luz e vive escondida. Mal informada forma pessoas.

Fábio Campana (publicitário): "Estão bebendo ou bolando mais um jornal?".

Palpável mas ôca. Amainada para mãe. Acusada e recusada. Domingo, dia do Senhor, não descança. Seu entusiasmo é chamado de assanhamento.

1

se encosta mais em mim e me passa o cigarro de volta. Vamos pro quarto?

A conversa não se afasta um milímetro do objetivo que deve ser a alma de todas essas lâmpadas iluminadas demais, e que mostram bem os rostos das pessoas.

Ambiente fino, dizem. Essas coisas.

Marcinha me olha cara a cara, a poucos centímetros do rosto, tira os meus óculos e diz que os olhos são bonitos. Eu respondo que não tinha encontrado nenhuma mulher com o jeito gostoso dela.

Ela então se curva mais sobre mim, abre a blusa preta, de seda, e mostra rapidamente os seios. Gostou?

O pessoal do lado continua falando sobre a Bahía, de peixarias, de farras em alto mar, e só então percebo que eles estão falando é da baía de Paranaguá, onde um dos senhores, provavelmente secretário executivo, é dono de um barco.

A coisa está tomando uma velocidade rápida demais e eu, sem ter me dado conta, passei para a defensiva. Marcinha insiste: vamos para o quarto? vamos tomar outra dose?

Através de um espelho vejo num canto da sala principal o Martins, que chegou junto comigo e que está fazendo a sua parte do trabalho. A reportagem foi combinada na tarde anterior e nos custou um esforço danado arranjar 300 cruzeiros emprestados para chegar até aqui.

E a Marcinha que insiste em beber outra cerveja a trinta cruzeiros à lata.

Começo a ficar preocupado. Cheguei há vinte minutos, tomamos quatro cervejas e me encontro escostado na parede, entre a cruz e a cama.

Marcinha propõe de novo. Eu digo ainda que temos tempo, que preciso primeiro conhecer o ambiente. E levantamos para a sala principal. Marcinha pergunta, surpreendentemente, se prefiro ficar sozinho. Eu digo que não, e descubro a moça de menos de vinte anos, loira, capa de couro, sentada justamente debaixo de um tapete de parede com um camelo puxado por um árabe no meio de um oásis.

Ela sorri, faz um sinal escondido, e eu fico imaginando se ela não falaria mais sobre a boate.

Em todas as salas a conversação é feita em voz baixa, respeitosamente, como costumam falar os senhores secretários executivos quando avaliam uma mercadoria ou calculam a viabilidade de um preço.

Nenhuma excitação no ar, apesar da cor vermelha das paredes, e nenhum movimento supérfluo, observação solta, gesto obceno, palavrão, piada, nada. O "Quatro Bicos" mostra-se apenas como um grande e movimentado salão de negócios.

Onde, curiosamente, não encontrei nenhuma mulher bebendo de um copo o indefectível "um cuba, bem".

Mais. Quinze cruzeiros de taxi, e a chuva lá fora, uma fileira de eucalíptos na entrada, 30 cruzeiros a lata de cerveja e mais trinta de consumação — que é o direito de entrar e escutar a música da máquina de música a dois e cinquenta a fichinha — e me defender da falta de tempo, da objetividade natural e óbvia de Marcinha.

Ela, já meio desinteressada, me acompanha até a sala da entrada. Compro uma ficha e ligo Valdik Soriano.

— Você gosta?

— Não conheço.

2

o prazer de conhecê-la. Ela fica indecisa e eu insisto com o olhar, demonstrando uma intimidade que não existe. Afinal, meu objetivo era conversar com esta mulher, proprietária e administradora da mais popular e requintada casa de "meninas" da cidade. Ela, então, me manda sentar e explica o porquê da bronca.

No fundo era aquela história de entregar figurão de destaque que costuma frequentar a casa. Digo a ela que não me interessa este tipo de enfoque, que me basta generalizar, dizendo que é uma casa bem frequentada, apenas.

Na cozinha, mais três pessoas, sendo que uma delas, um japonês, ouvia atentamente a conversa e trocava acenos de cabeça., como concordando com que dona Maria dizia. A cada pergunta eles se entreolhavam e ela respondia pensativa, com precaussão. Fico sabendo que há seis anos ela se instalou nesta casa de quatro bicos, numa época que tudo era despovoado, não havia luz nem esgoto.

— E veja você como está isso agora.

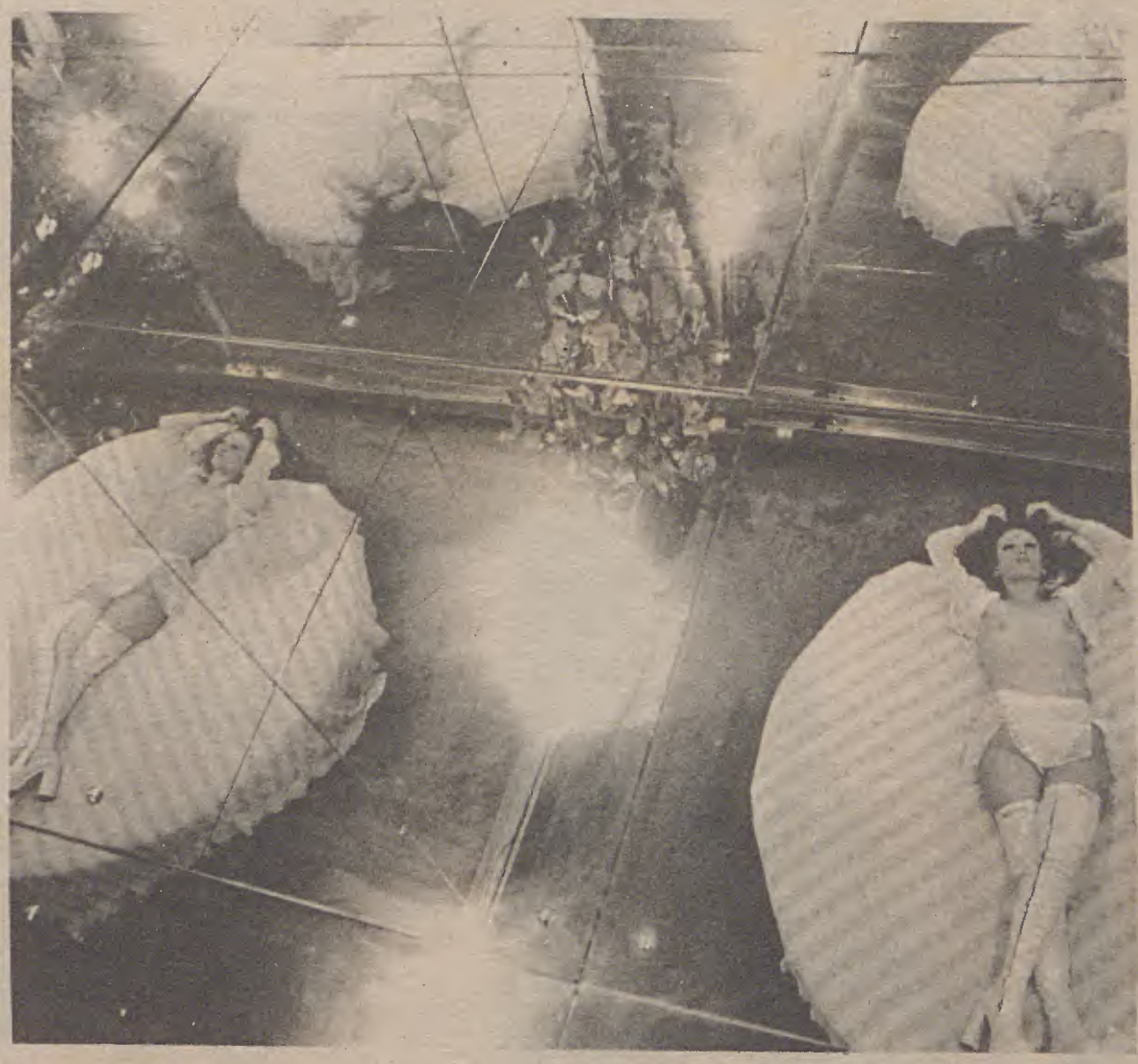
Percebo um fundo de orgulho nisso e vou em frente:

— A senhora está querendo reivindicar alguma participação no desenvolvimento da Vila Camargo?

Ela vacila e o japonês entra:

— Eu sou dono do armazém ao lado e respondo por ela.

Fico sabendo que todas as iniciativas de pavimentação e melhorias nas ruas da Vila Camargo são, em grande parte, devidas à dona Maria Japonesa. E mais: o único telefone do bairro é o do Quatro Bicos. Para lá correm as familias, a qualquer hora do dia ou da madrugada, quando uma emergência obriga uma ligação telefônica. Aos poucos a figura desta senhora, vestida de renda negra, assume a proporção de uma assistente social, evidentemente, restrita aos seus quatro bicos. Me garantem: quando uma das meninas aparece com qualquer problema, vai direto contar à dona Maria. Aliás, Maria Gonçalves Lemos do Espirito Santo, assinada Guilherme de Almeida, nascida em Curitiba e descendente de índios. "Desde criança me chamam de Maria Japonesa. Nunca soube a razão". Nesta altura, interrompo e pergunto sobre o faturamento da casa: se é possível fornecer algum dado. Ela franze a testa e me olha, brincando de má. Nada sobre isso.



O Quatro Bicos fica quase à margem da BR-227, estrada de Paranaguá, altura do quilômetro 10. No início era apenas a casa, dividida em vários quartos. Hoje, só no pátio, existe quinze quartos. Na casa, apenas o famoso quarto de espelhos, com cama redonda giratória e outras bossas. A grande vedete. Os poucos quartos que restaram no interior da casa são ocupados por algumas poucas meninas, geralmente aquelas que não encontraram acomodações na cidade.

Dona Maria faz um pedido para não constar seu nome na reportagem. Eu recuso, que não faz o menor sentido abscurecer uma personalidade como a dela, uma dama vestida de negro. Ela ri e concorda. O jogo estava aberto e, então, procuro saber sobre os preços. Quanto que um cidadão deve ter nos bolsos para uma noitada neste mundo encantado de menininhas? Calculem: a taxa de consumação é 30 cruzeiros e só dá direito a uma dose. Uma dose repetida é mais trinta. O quarto simples ou apartamento, como chamam, custa setenta notas. Agora, se o cara cismar que tem que ser no quarto de espelhos, vai pagar 100 pela hospedagem e mais a valorização monetária da sua companheira. Quer dizer: a menina também se valoriza se o negócio for no quarto de espelhos. E o preço delas varia de 100 a 300 cruzeiros.

Estamos conversando, e dona Maria nos conduz a mim e ao Amilton Vieira, que acabava de chegar para o interior de um quarto ao lado da cozinha. O quarto apesar de aparentar um bom gosto estava entulhado de objetos variados secador de cabelo, caixas, etc. Ali ela nos mostra, com orgulho indisfarçável, o seu álbum de familia. Havia dois outros álbuns com menininhas da casa, no concurso da mais bem bolada. O Amilton então me lembra que o Scaps não poderia ter uma

João Alfredo (vizinho de andar): "Porque voces não me deixam participar desta discussão?"

1 Martins Vaz:

madrinha melhor que dona Maria Japonesa, que agora está nos mostrando sua coleção de vestidos para festas. Um azul, outro vermelho, com paetês e plumas. Mas, finalmente, nossa conversa tem que terminar: dona Maria tem pressa. É servido um cafezinho (a casa consome 1 kl de café por dia) e já os funcionários cozinheiras, serventes, leões-de-chácara se agitam para lhe preparar a saída. O carro encosta na porta, ela entra e vai embora.

De volta ao salão; encontro minha menina Luciane de cuba na mão, conversando com um sujeito baixinho. Escorrego por perto para ser notado e, em cinco minutos, eis ela na minha frente, oferecendo o copo. Então abro o jogo, contando da reportagem e do Scaps.

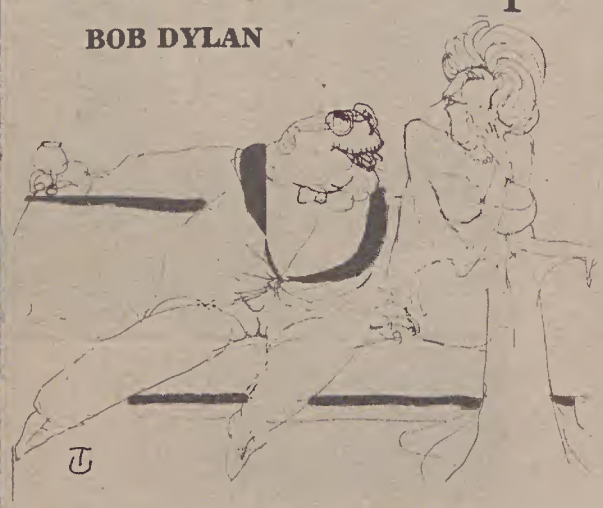
— Eu posso ajudar, diz ela.

Diante da possibilidade de ganhar uma repórter, assim, nestas circunstâncias, prometo uma grana de sustentação e honra. Ela se entusiasma (ou eu que penso assim, já que entorno o segundo uisque que a casa oferece) e marco um almoço para o dia seguinte, em minha casa. Era meu aniversário e minha única convidade seria Luciane. Trocamos os endereços e eu caio fora. É meia-noite e quinze.

O dia seguinte 2 de outubro amanheceu com forte temporal e trovoadas, marcando uma das maiores enchentes já registradas em Curitiba. As chuvas e a consequente falta de água fizeram o paradoxo na cidade durante três dias. As águas invadiram a casa das máquinas e faltou água. Mas da minha convidada, nada! Com seu endereço, resolvo procurá-la.

Você não precisa ser meteorologista para saber onde o vento sopra.

BOB DYLAN



Antes porém, vou comunicar meu entusiasmo ao Rettamozo, a quem chamamos de editor de arte. Vou dizendo: "Reta e Gorda: aconteceu um negócio incrível. Estou namorando uma menina do Quatro Bicos. Vai ser nossa primeira repórter. Dá uma matéria sensacional". E foi assim, com esta empolgação, que esqueci a ressaca e saí na chuva.

O prédio era um conjunto residencial, digamos, classe B1, ao lado do Passeio Público, na Carlos Cavalcanti. Aperto a campanhia e a menina aparece branca, de bobs no cabelo. Na sala, onde havia mais duas meninas (Fani e Fátima) acontecia um jogo de buraco. Em cima da mesa uma garrafa de martini e os cigarros. Logo me livrei das botas, da capa e das calças, que estavam inteiramente molhadas. E recebo uma toalha em troca.

O jogo de cartas e o martini duraram a tarde toda. Mas já aos primeiros cinco minutos percebo que Luciane também pode ser Graça. E quanto ao curso de jornalismo, também uma das amigas, alheia à situação, se encarregou de desmentir. Foi um branco. Até que a campanhia tocou.

— Este jogo está me lembrando o tempo da Receita Federal, disse o ruivo que chegava, falando com Luciane, ou Graça.

E o cara senta ao meu lado e fica dando palpite no jogo.

Às cinco e meia, quando não aguentava mais, e as águas tinham baixado, dei meu lugar ao figura. E já estou no elevador, gelado e com um péssimo final, quando corri as mãos pelos bolsos, à procura do meu dinheiro. Nada! Haviam me levado 120 contos. Fiquei uma vara. E corri pra redação.

2 Raimundo Caruso:

— E aquele cara de chapéu e óculos escuros.

— Não sei, não lembro. Mas só pelo chapéu eu não gostava.

Como quem não quer nada, procuro descobrir a moça loira de menos de vinte anos, vestindo uma capa de couro e que estava sentada debaixo do tapete do camelo. É que continuo acreditando que ela falaria mais sobre o assunto. Nada de novo. As três chaleiras continuam no mesmo lugar, brilhando de limpas, o Valdik dizendo para os quatro ventos do "quatro bicos" que não é cachorro não e Marcinha sem nenhum novo alvo mais claro. Mais à mão.

Por isso, continua comigo.

A conversa continua baixa, mal se destingue o significado das palavras, as moças penteiam os cabelos na frente dos espelhos e depois estufam o peito, com ares de manequim. Pergunto pra Marcinha: quanto todas vocês faturam por dia - noite e madrugada?

— Não sei. Quanto cobra cada uma? Trezentos, quatrocentos, depende do momento.

Eu calculo rapido. Ta-ta-ra-ta-ta igual a quarenta mil cruzeiros por dia-noite-madrugada. Milhão e duzentos por mês e temos um faturamento anual superior ao orçamento de pelo menos a metade dos quatro mil municípios brasileiros.

— Marcinha, você já ouviu falar de Honduras? Não. Pois é, lá os gringos compraram um presidente que vendia bananas por apenas 700 mil dólares.

Marcinha não dá bola. Mas estou entusiasmado: você já pensou ser presidente na América Central?

Ham! Olha, olha, que dá.

Nesse momento chega um sujeito com uma ficha para botar na máquina de música.

Penteia os cabelos, olha o fichário com atenção e depois escuta. Chega então uma moça, quase criança, cabelos ondulados, a boca cheia de chicletes. O sujeito mostra-se surpreendido e depois desabafa para a moça de cabelos ondulados: onde é que o você estava escondida? Por que você só apareceu agora? Olha, presta atenção na minha cara. Esta é a cara de um imbecil, de um trouxa. Guarda bem.

O quarto custa 70 cruzeiros. Marcinha abre a porta de um Maverick marrom e volta com uma bolsa de plástico de onde tira chinelos, toalha, sabonete e desodorante.

— Carrão, hem?

Ela pede para guardar a pulseira dourada sobre o criado mudo e depois pergunta: sabe quanto custa? Não! Uma nota!

Marcinha senta sobre a cama e faz alguns movimentos de ginástica.

Você é de peixes, certo?

E depois, fazendo de conta que só agora estava vendo a pasta de papéis que eu levava debaixo dos braços, pertuntou:

— Que que você tem nesse bagulho? Papéis. Você não tem dinheiro escondido aí? Apenas laudas. Ham? Folhas de papel, coisa do dia a dia.

— Eu pensei que era revista pornográfica. Ou Manchete.

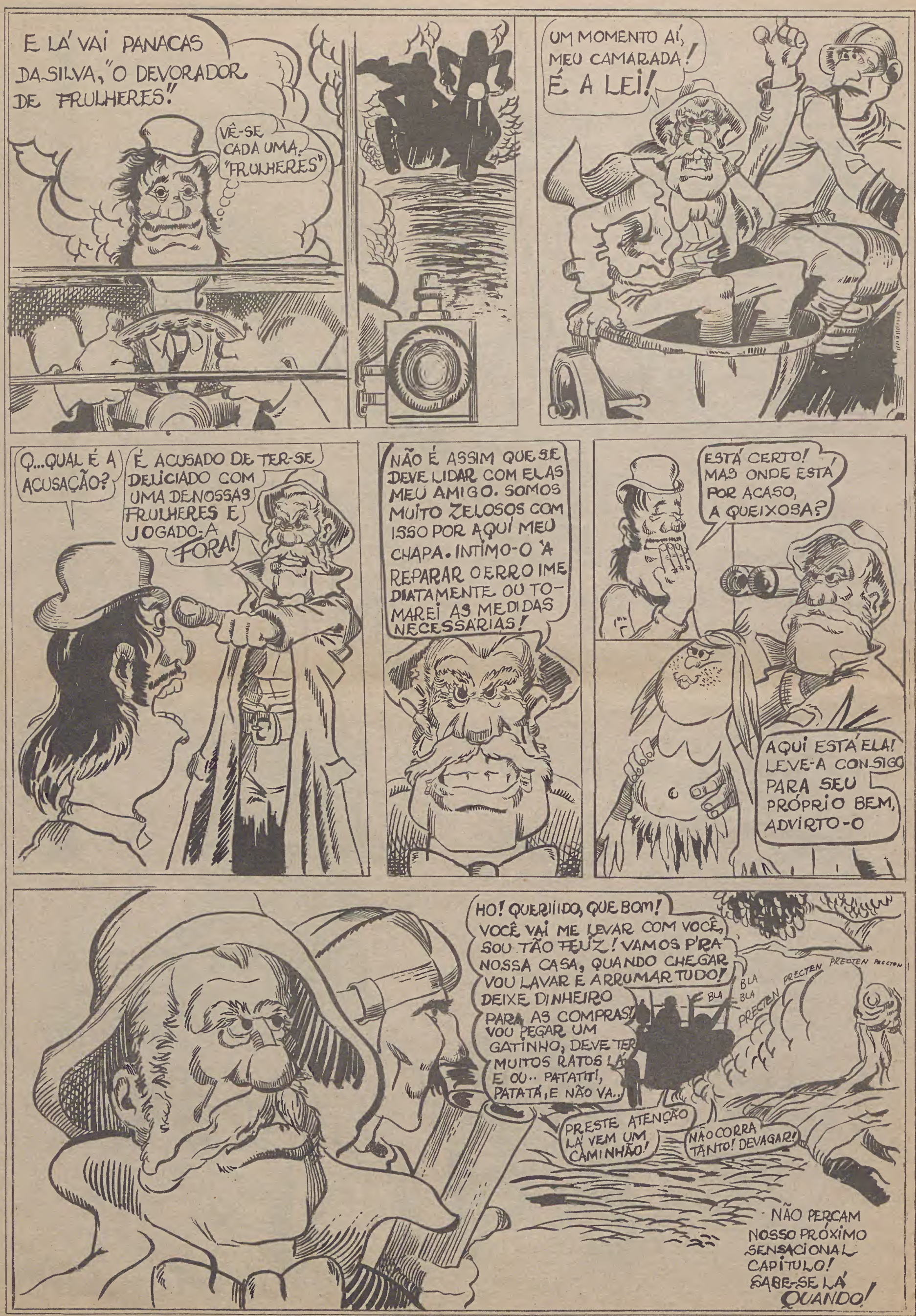
— Olha, eu já pensei trabalhar de aeromoça. Mas não deu certo. Era muito complicado.

— Você se livrou de uma boa. Com saltos de sapato desse tamanho você ia viver caindo no avião.

Marcinha continua respirando profundamente, estica os braços para cima, e depois baixa a cabeça devagar.

Hélio Teixeira (revista Veja): "É. A imprensa nanica é interessante".

Eloi Zanetti (publicitário) "Não sei de Nada. Cheguei agora".



Dácio Nitrini (equipe Ex): "Muito bom. Vamos conversar".

CHEGOU NEWPORT

A MELHOR ROUPA QUE VOCÊ PODE USAR NESTE VERÃO

NEWPORT Jeans

EXCLUSIVIDADE

MAU MAU

generoso marques, 135

Grupo Frischmann's

DISCO VOCÊ COMPRA NA LOJA MAU MAU

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

— Está havendo uma briga de foice entre Burrhus e Piaget, que orientam os professores e técnicos da educação.
—Desconfie de que estão dando açúcar colorido para o seu filho debaixo do papo comportamentista e epistemológico.

—Na verdade, você só deseja que seu filho seja uma criança obediente, de "boas maneiras" e um espertalhão adulador.

VALMOR MARCELINO

Educação Pré-escolar, um Saco:

Um grupo de irresponsáveis cidadãos pode organizar uma escola para crianças menores de 7 anos, um centro de atividades artísticas ou de ginástica, onde faturem uma vida razoável (mas não dá para enriquecer) e somente ponham a perder a capacidade das crianças e as expectativas a longo prazo dos pais. Ninguém se incomodará com isso porque esses menores não estão "compreendidos" no sistema escolar o que equivale a dizer, no Brasil, que não estão abrigados sob o manto protetor da cultura oficial nem de ninguém. Os pais que assuman os riscos, apesar de que nada entendem do assunto.

COISA ESQUISITA

Aliás, a coisa está ficando esquisita. Como esquisita está qualquer atividade artística e cultural, mesmo com a sombra protetora e disciplinadora do Estado. Um Centro de Criatividade, por exemplo, passará a ser a mais atraente proposta cultural para as famílias das classes superiores. Ali se pode reunir alguns "artistas" e oferecer material para as crianças brincarem de arte e criação. Sem que ninguém absolutamente saiba de que se está falando realmente, quais são os objetivos e os métodos, para que serve, e o que resultará para criança. Curitiba já deu o primeiro passo nesse sentido, inaugurando um majestoso aparelho com orçamento de 70 milhões de cruzeiros. Pelo menos, é o espaço numa cidade que já teve um Congresso de Ufologia levado a sério, inclusive no exterior.

QUEM FICA COM BURRUHS?

Cresce a necessidade dos pais e a consciência de que ao Estado caberá assumir um papel central na educação pré-escolar. E embora os pais tenham péssima origem e formação cultural, a ponto de considerarem uma glória que os filhos "se disciplinem", tenham "boas maneiras" e se exibam em ballets e alfabetizações, realmente tem o direito de desejar educação pré-escolar para os filhos (e é uma grande necessidade social).

Se dependesse dos pais a escola seria autoritária como eles mesmos e o pais; não um autoritarismo direto, mas aquele "moral", de pressões e condicionamentos chantagistas (que transformaram as pobres crianças num ser amoral)., para ganhar o céu, ou o sorriso de mamãe ou chocolate. Porisso, Burrhuns já ganhou mais um ponto: dentro da cabeça a criança deve ter bons condicionamentos para que seu comportamento possa agradar e ser útil; ela será um cidadão útil e feliz. E afinal, para muitas pessoas, ou se aceita Burrhus ou o espontaneismo gerado por Rogers e Piaget.

A posição certa: contra o espontaneismo mas apoiado nos estudos, inclusive de Piaget, Henry Wallon, Nans Aebli e outros. Mas quem é Burrhus?

A BRIGA DA EDUCAÇÃO

A briga pelo progresso pode ter sua caricatura assim: dentro da sociedade autoritária, os grupos favoráveis às simplificações grosseiras de Burrhus Frederic Skinner (psicólogo norte-americano) combatem os demais, inclusive o mais influente "demais" que é Jean Piaget (psicólogo suiço).

A venda de livros de Jean Piaget e sobre ele atinge as culminâncias de best-seller no Brasil, causando a desconfiança de que alguma coisa está errada com essa assimilação das pesadas investigações do pai da "epistemologia genética" Sovacos ilustrados tanto circulam pelos meios acadêmicos, como pelas ruas das cidades, com as mais importantes obras de Piaget.

Os skinnerianos, praticistas e tecnocratas do ensino, não se impressionam e fumam seu cigarro mentolado com desdem erudito. Sabem que o psicólogo americano tem três qualificações para ser adotado oficialmente no ensino: 1) não está interessado no que crianças e adultos pensem e sim como vão funcionar; 2) seu cinismo prepara a sociedade autoritária porque por sua vez é um produto da sociedade mistificadora e pragmática; e 3) vem da matriz.

ARRANHÕES, DENTADAS E PUXÕES DE CABELO? NÃO.

Apesar de viverem sob a sombra graciosa da águia os skinnerianos poderiam perder a luta se os piagetianos não fossem, realmente, uma minoria insignificante. É que com o nome de piagetianos se abrigam muitas e variadas tendências de que o psicólogo suiço não tem a menor culpa. Os fiéis de Piaget, os que realmente o estão entendendo, são muito poucos; e apenas esta corrente, se fosse organizada, poderia enfrentar o pessoal do Burruhs.

Antes de irmos mais longe, registremos que o patropi faz mistura em tudo, desde a arte até a computação eletrônica. Neste assunto adquire o maior status internacional. Outros muitos pensadores têm sido misturados com Piaget: o existencialista-burguês Rogers, o revolucionarista Illich, e o transformista social Hans Furth.

Já o Burrhus é um behaviorista conseqüente, da linhagem de Watson (autor de "Behavior: an Introduction to Comparative Psychology").

Então não há briga, arranhões, dentadas e puxões de cabelo. Os skinnerianos avançam para sua "Utopia Graças ao Controle do Comportamento Humano" (de BF Skinner), com a cruz gamada ao final do caminho. Os piagetianos, ao contrário, ainda tentam compreender.

TÊM OS PAIS CONDIÇÕES DE EDUCAR OS FILHOS ANTES DOS 7 ANOS DE IDADE?

Já se generaliza a certeza de que não têm essas condições.

PROPOSTAS ORGANIZADAS, AO NÍVEL DO ESTADO, PARA A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E DEIXAR QUE A CRIANÇA SOZINHA, A BABÁ E A TV CUIDEM DESSA EDUCAÇÃO?

Se consideramos que a criança até os 3 anos de idade já completou metade do seu desenvolvimento nuclear mental e que na faixa anterior aos 7 anos é que a criança tem condições de resolver muitos problemas essenciais de seu desenvolvimento mental, poderemos ter idéia da gravidade do problema. Isso sem levarmos em conta a cultura de que a criança vai sendo impregnada com a TV, a babá e a casa.

Um grupo de pais, de variadas perspectivas intelectuais inclusive professores, reuniu-se ao início de 1973 para discutir a situação de seus filhos e decidir sobre os caminhos que deveriam tomar para a educação dos pequenos. Reunidos os mesmos problemas, debateram suas aspirações gerais sobre a educação das crianças, chegando ao grau de compreensão de um "modelo" de educação, e trataram de verificar quem estaria consciente e aplicando métodos adequados numa escola, onde pudessem ingressar.

COMÉRCIO PRÉ—ESCOLAR

O inferno está cheio de boas intenções. A terra também. Mas Curitiba não tinha esse local, essa escola para as crianças. Constatou-se, então, que a faixa "pré-escolar" estava sendo invadida pela comercialização, tendo como atrativos "as artes" e a "confraternização social", onde grupos profissionais e sociais conviviam numa extensão de seus hábitos, sem que estivessem compreendendo qualquer problema essencial de educação,

O grupo de pais que, angustiosamente, se interrogava sobre a quem confiar seus filhos e que não encontraram local adequado para isso decidiu criar uma associação e uma escola: a Associação de Estudos Educacionais (AED) e a Oficina (sua escola).

SERIA, APESAR DA AUSÊNCIA DE ESCOLAS QUALIFICADAS, UMA TEMERIDADE CRIAR

Aroldo Murá (Voz do Paraná): Vocês estão cegos; este projeto não tem nenhuma viabilidade financeira".

CEDEM

UMA ESCOLA PELA INICIATIVA DOS PRÓPRIOS PAIS?

Esses pais, não alheios ao problema da educação em geral, até mesmo conscientes dele e de seus múltiplos aspectos, e que não podiam considerar-se desconhecedores de fundamentos pedagógicos e de informação didática, descobriram que tinham o mais precioso elemento do processo educacional: o sentido e a direção da educação. Sem isto, tudo o demais não leva a qualquer lugar.

Encontraram em Jean Piaget, o psicólogo e epistemólogo suiço que vem sendo estudado em todo o mundo, a caracterização de situações de aprendizagem para as atividades que deveriam ser oferecidas às crianças. Os próprios professores associados= todos comprática educacional voltada para a educação de crianças = se incumbiram de assumir a atuação escolar.

A TEORIA E A PRÁTICA

Depois de estudos e alguma prática, comprovaram-se dificuldades pedagógicas. "A linha de educação que nós tínhamos proposto ainda "brigava" com os métodos aplicados, resultando em prejuízos para o nosso projeto dizem alguns sócios da AEB. Fizemos, então, um balanço do que estávamos realizando e concluímos, com toda a clareza, que, apesar dessa debilidade os aspectos positivos da condição de liberdade de que usufruíam as crianças, da convivência e, mais das propostas de atividades organizadas para o desenvolvimento físico e da inteligência ainda colocava nossa oferta educacional em nível superior ao das escolas existentes e satisfatório por si mesmo não fosse nossa inquietação e desejo de oferecer muito mais, num projeto de alta responsabilidade e que não pretende apenas resolver para nossos filhos o problema da educação pré-escolar".

"Todo o ano de 1973 transcorreu num frêmito de trabalho, de discussões e aperfeiçoamentos. Em 1974, repetiram-se as preocupações e a evolução de nosso projeto, até chegarmos àquele ponto em que nossa potencialidade educacional já tinha suscitado os desafios essenciais para a criação de uma escola adequada. Daí por diante, os desafios passaram para outro nível: o da captação de outros meios materiais (que deveriam estar ao nível de Estado) e de concentração de esforços na tarefa de nossa reeducação, como pais, de forma a restabelecer o equilíbrio entre as atividades da Oficina e de casa".

DEFINIÇÃO DAS GRANDES LINHAS

O projeto se foi esclarecendo até definir-se em duas linhas mestras: desenvolvimento físico (sensório-motor) e desenvolvimento da inteligência (ordenação do pensamento), interligados, com variáveis segundo estágios de maturação por que passam as crianças. Também compreendendo que esta relação não se dá apenas objetivamente e deva ser assim tratada: há um caldo de cultura, "uma ambiência com nossa participação e dos professores" que interpenetrada a organização das atividades, influenciando profundamente o mundo afetivo e as relações das crianças, formando-as em determinada direção.

NÃO CONSEGUIMOS JUNTAR NOSSAS INTENÇÕES E NOSSO COMPORTAMENTO: O QUE OCORRE COM A CRIANÇA?

A criança percebe essa fragmentação e recebe prioritariamente as influências de nosso comportamento. E então ficamos surpresos de que a criança assimile o aparentemente "invisível" a nossa ambigüidade.

A direção da educação se manifesta, particularmente, em nós pela influência de nosso comportamento (e não pelas intenções), que é a nossa cultura (hábitos, costumes,...) Quando as "escolas", existentes ensinam "arte" (seja ballet, sejam artes plásticas ou "criatividade") estão é, fundamentalmente, ensinando uma atitude social mistificada a respeito das artes e alguma técnica. Estão deformando a criança.

"Levamos à frente um projeto ambicioso e necessário. Conseguimos clareza sobre três pontos 1) a necessidade de liberdade das crianças do maior respeito à sua iniciativa e criatividade, como condição básica para o desenvolvimento infantil; 2) o reconhecimento do aspecto principalmente tem a direção da educação: seu alcance e objetivos, com os respectivos métodos coerentes; e 3) a prioridade do desenvolvimento da inteligência no processo de educação, mas reconhecendo que a sua base é o desenvolvimento sensório-motor em situação de equilíbrio afetivo".

"A liberdade precisa ser conquistada e compreendida, especialmente numa sociedade que que a ela não está afeita e perante pessoas ignorantes e resentidas desde a formação, A principalidade da educação sobre a "tecnologia", a "cientificidade" e a "metodologia" precisa ser afirmada a todo momento, numa sociedade atrasada e mistificadora. A prioridade do desenvolvimento da inteligência também precisa ser aclarada não como culto à "inteligência", ao discursivo, à erudição, ao falso conhecimento, mas como **conhecimento operatório, ligado à prática da vida".**

CONFISSÃO DO ERRO

A associação de Estudos Educacionais e a Oficina reconhecem que estão próximas dos objetivos. Mas este "próximas" quer apenas dizer que a consciência dos aspectos principais da educação e da aprendizagem está madura. E vai ser checada num Seminário sobre Educação Pré-Escolar que se inicia dia 27 de outubro na Casa do Estudante Luterano de Curitiba. Servirão seus resultados para todas as pessoas e entidades que os solicitarem para a AED, à Rua Carlos de Carvalho,990, Curitiba - Pr.

Entretanto, ambas têm consciência de atrasos no processo de reeducação dos pais e dos professores e também nas próprias atividades das crianças. Diz um de seus dirigentes, funcionária pública Elba Ravaglio: "Para poder falar a estrita verdade sobre qualquer questão importante, como a educação pré-escolar, temos que fazer uma advertência: este é o campo mais mentiroso de todas as mentiras que se cultivam no país. Todo o mundo se diz qualificado, capaz, artístico, bom. A negação dessas falsas verdades é que até agora fora de revistas e jornais nunca se viu um estudo, um livro das escolas divulgadas. Pois bem, oferecemos textos e relatórios sobre o que fazemos e, no seminário, pretendemos dar, a todos os que quiserem, nossa experiência escrita e criticada".

E como a AED é uma cooperativa de pais que dirigem a escola inclusive no aspecto pedagógico, tudo indica que isto é a expressão da verdade, É só pedir para ver.

Alemão (camelô): "Com a imprensa eu não quero nada. E não sou cabreiro; sou é inteligente".

CEDEM

Simbolos que a elite massacrou e consumiu, misturou com scotch e subiu em cima. Gibi não é nada disso.

Estes desenhos pretendem - o que já é um sintoma - mostrar o fundilho de tudo isso.

(solda)

SOLDA

SCAPS.

RHUMOR

Em 1924 as edições Malik expôs em sua vitrine, em Berlim, uma grande foto-montagem. Ela mostrava trabalhadores-esqueletos diante do general Von Hindenburg. Em baixo dos esqueletos marchava uma coluna de crianças uniformizadas militarmente, conforme hábito educacional da época. O texto da foto-montagem: "Após dez anos, os pais e os filhos"; dez anos após o começo da 1ª Guerra Mundial. Esta imagem — que fez escândalo — era a primeira foto-montagem de John Heartfield (33 anos naquela época). Ele não foi o inventor da foto-montagem, mas o grande mestre da foto-montagem política. John Heartfield na verdade se chamava Helmut Herzberg.

Nesta época Heartfield conheceu George Gorz. Imediatamente destruiu todas as suas pinturas e desenhos, pois, segundo ele, só havia um homem vivo digno de utilizar o pincel e a pena: George Grosz. Junto com Grosz, Hausmann, Huelsenbeck e outros, Heartfield fundou o grupo Berlinense Dadaista: surge o dadaismo político. Sua colaboração nos inúmeros panfletos e jornais do movimento Dada definiu-se como montador. Heartfield fez também capas para vários livros que seu amigo Wieland Herzfeld (Malik-verlag- editava.

Vietnam:

Balanço bala por bala

Esta matéria foi publicada com o título "La crítica de las armas" pela revista Crisis, em agosto deste ano. O texto é de Alfredo Becerra.

A primeira formulação coerente da estrategia que os Estados Unidos aplicaria no Vietnam se deve ao atual secretario de Estado Henry A. Kissinger - então diretor da revista, **Confluence** - que em seu livro **Armas Nucleares e Politica Exterior**, publicado em 1957, sustentava a necessidade de adequar uns dispositivo militar norte-americano para as guerras limitadas, tanto no espaço como nos armamentos. Seriam guerras localizadas, sem uso de armas nucleares. À diferença da guerra nuclear e mundial que o Pentagono previa contra a URSS, as guerras limitadas se desenvolveriam em Teatros afastados da Europa, particularmente na Asia, e para elas não serviria a estratégia atômica. A hipotese de conflito que dominava estas especulações era a luta contra o comunismo aonde quer que este ameaçe ou impeça e extenção da influência norte-americana, levando em conta que o inimigo, embora internacional quanto ao conteúdo, é nacional quanto a forma como toma o poder.

Esta idéia foi complementada pouco depois pelo general Maxwell Taylor, chefe do Estado Maior Conjunto, que assinalava que a unica guerra total era contra a URSS e atômica, e que as demais guerras eram "limitadas", categoria na qual se integravam as guerras "localizadas" e subversivas ou "especiais", para as quais foram criadas as "forças especiais" e as táticas de contra-guerrilhas e de contra-insurgência. Por sua vez, toda esta nova estrategia, proposta pelo então presidente Kennedy e seu secretário de Defesa Robert McNamara, incluia ainda a "guerra nuclear limitada", com pequenas bombas atômicas, "de efeito tático".

Todos estes conceitos derivavam da "resposta flexivel" que haviam de dar ao comunismo com os meios adequados à supremacia de cada ataque, e a consequente "escalada" (teorias e neologismo de Herman Kahn). A "estrategia global" assim resultante, era servida pelos Whiz Kids (meninos prodigios) de Robert NcNamara, que trouxeram os computadores, a investigação operacional, e as análises estatisticas, os calculos cientificos os estudos de custos e rendimentos e outras técnicas modernas.

Quando foi publicado o semanário Arbeiter Illustrierte Zeitung, com tiragem de 500 mil exemplares, Heartfield fazia uma foto-montagem por semana. Era qualquer coisa de novo, na época. Ele utilizava as fotos da imprensa, aplicando fundos em fotos já conhecidas, etc. Em 1933 imigrou para a Praga, onde continuou seu trabalho para as capas do Arbeiter Illustriert (depois de 1936 passou a se chamar Volks Illustriert). Nesta época Heartfield fez uma exposição em Paris, enquanto os artistas (dez) dis-

cutiam sobre o tema: é a foto-montagem uma forma de arte? Quando ele expôs em Praga, o embaixador alemão exigiu o fechamento da exposição: as imagens eram ofensivas para o governo alemão. A exposição não foi fechada e que acabou despertando a curiosidade popular.

Mas em 1938 Heartfield teve que dar o pinote. Em Londres fez uma série de capas, inclusive para Perquin Books. Em 1950 ele volta à Alemanha, onde recebe algumas medalhas e o reconhecimento oficial. E morre em 1968.

Há vários ensaios e publicações sobre Heartfield, que ficarão ainda por muito tempo fora do alcance do leitor brasileiro. Uma das mais recentes e completas, com o titulo "John Heartfield", apresenta material selecionado por onze pessoas, publicado pela Neue Gesselchaft für Bildende Kunst", em Berlim. A primeira edição saiu em 1970, com 150 páginas, custando mais ou menos 50 francos. O meio de conseguir é este: escrever para o Willem, revista Charlie, se explicar e mandar o tutu pelos meios quetem por aí. O endereço: 10 Rue des Trois Portes, Paris, 5c.

Paulo Roberto Marins: (correspondente JB): "Qual o espaço que eu tenho para colaborar?",

PRAZER, ESPERANÇA.

Alice Ruiz Schneronk

"Os costumes, as modas são muitas vezes utilizados para separar o corpo feminino da transcedência: a chinesa de pés enfaixados mal pode andar; as garras vermelhas da estrela de Hollywood privam-na de suas mãos, os saltos altos, os coletes, as anquinhas, as crinolinas destinavam-se menos a acentuar a linha arqueada do corpo feminino do que a aumentar-lhe a impotência. Amolecido pela gordura ou ao contrário tão diáfano que qualquer esfôrço lhe é proibido, paralisado por vestidos incomodos e pelos ritos da boa educação, é então que esse corpo se apresenta ao homem como sua coisa". (Simone de Beavoir)

Assim que se ouviu o primeiro berro women's lib, todo mundo reagiu dizendo que a mulher perderia sua feminilidade. Alguns grupos partiram para a guerra tentando conquistar o território masculino.

Atiraram fora tudo que as constituia até então, imitando seu "inimigo na falta de uma imagem.

Houve quem queimasse soutiens em praça pública, as que agrediram covardemente Andy Warhol, e as que fizeram paseatas contra o coisificador mór da mulher: Hugh Hefner.

Em contra partida, muitas permaneceram acomodadas e indiferentes.

Acomodadas em sua gaiola de ouro, se recusaram a voar.

Felizmente na 3ª margem temos: Yoko Ono, Angela Davis, Germaine Gre as três Marias portuguesas, Françoise Guiraud, Kate Millet, etc. Isso falando só da média dos três grupos possamos descobrir o que é feminilidade, o que é que estamos procurando, porque deixamos de servir por tanto tempo e onde é que nós estávamos?

UM ROSTO!

Graças as mais variadas linhas de cosmético, a aparência vai bem, obrigada.

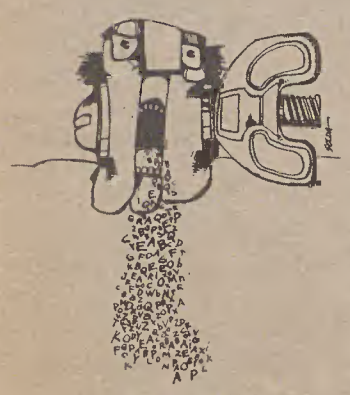
Colocamos a estética em primeiro plano e aqui estamos, réplicas de páginas de figurino.

E a beleza que dizem que vem de dentro?

E essa ruga na testa ou essa covinha na bochecha?

Deve ser um ar de meiguice misturado com humor discreto.

Isso aparece?



AH! O CORPO

Perfeito em sua fragilidade programada. Nenhum músculo.

Ainda bem que você parou em tempo com aquele jogo de volei, da época escolar, lembra-se?

Senão não seria portadora dessa fraqueza tão conveniente. Já imaginou se você fôsse forte fisicamente?

É claro que seria mais forte em todos os outros sentidos e então nenhum homem ia querer te proteger.

Essas curvas acentuadas nunca lembrarão a linearidade, a maneira reta do raciocinio e da lógica.

A reta é clara em seus limites, a curva é escorregadia nas pontas.

Pare! Curva perigosa.

VOCÊ ESTÁ SOZINHA?

O homem não a ouve, não a conhece. Só a vê por trás de suas exigências morais e estéticas, de uma imagem pré-estabelecida.

Muitas aceitam essa imagem, até gostam, mas acabam ficando sós e (em 90% dos casos) hipocondríacas.

Os filhos se vão, o marido se distrai definitivamente, os amigos... ela nunca os teve, e as amigas são tão carentes quanto ela.

Como ela não desenvolveu nada mais ao longo dos anos, a não ser os filhos, a vida em função do lar, a cópia das opiniões do marido, aparece então o vazio fora e dentro dela.

Não podendo explicar seus males psicológicos, porque a verdade vai doer ela transfere a dor para a cabeça, rins, figado, etc..

A doença do corpo é localizzada, diagnosticável e tem a medicina por ela.

Olhar para dentro, nem com cirurgia plástica..

DE EMOÇÃO EM EMOÇÃO SE ENCHE A VIDINHA

Criadas para amar o homem, eduar gente de cujo nascimento cuidamos em todos os detalhes, desenvolvemos ao máximo nossa vida emocional e atrofiamos tudo mais.

Sentimos como se o tempo gasto para o nosso próprio desenvolvimento fosse roubado dos nossos.

Porque não fazemos de nós mesmas, essa maravilha que nós fazemos: na decoração da casa, nos pratos saborosos, nas roupas da familia, na limpeza, na vida dos filhos?

Porque não sobra tempo para o que é mais importante.

SUA MAIOR INIMIGA

Mulher não gosta de mulher. Porque o que a gente reflete não é mesmo muito agradável.

Quem se apoiou na maternidade, não admite mãe melhor.

As vaidosas, odeiam as mulheres mais bonitas.

As inteligentes, não suportam a idéia de uma inteligência maior, se não fôr masculina.

E as que já resolveram o seu problema, pensam que porisso, o problema deixou de existir.

As liberadas, querem ser as únicas liberadas.

As conformadas reagem apavoradas a simples menção da palavra **feminina**.

Ser feminista significa trabalhar, discutir, se levar a sério, abandonar as coisas supérfluas e principalmente mudar.

É muita mão de obra para quem não saiu da minoridade, tenha quantos anos tiver.

Todas estão sozinhas. Embora as facções sejam muitas.

Mas até agora preferimos perder a guerra maior, e ganhar batalhas de picuinhas.

Vamos fazer as pazes?

A guerra do Vietnam contribuiu para uma revisão destes conceitos, quando as grandes ofensivas da Frente Nacional de Libertação em 1968 varreram simultaneamente com as posições inimigas no campo de batalha, com o comandante Westmoreland no comando militar, com o presidente Johnson no governo dos Estados Unidos e com estas teorias militares que não resistiram uma crítica tão radical.

Pouco antes, um de seus autores, o general Maxwel Taylor, havia se retratado quando atribuiu os fracassos de 1965-1966 ao fato de que no Vietnam seu país "persseguia um objetivo limitado, com meios limitados, risco limitado, e vontade de vencer limitada". Enquanto que a Henry Kissinger era designada a missão de negociar a retirada dos Estados Unidos, o que aconteceu nos acordos de Paris, em 1973.

Segundo dados de Pentagono, os Estados Unidos lançou na guerra 800.000 cidadãos, morreram 56.237 e 303.654, ficaram feridos ou mutilados, resultando um custo de 150 milhões de dólares. Se considerarmos ainda os graves problemas politicos que se desenvolveram dentro e fora dos Estados Unidos se conclue que Washington havia comprometido todo seu prestigio e poderio nesta aventura.

Ao Vietnam a guerra custou milhões de mortos e feridos; dezenas de milhões de hectáres de produção arrazados; dezenas de milhares de aldeias, cidades, pontes, diques, ferrovias, fábricas, portos, hospitais, e escolas que foram bombardeados. Milhões e milhões de horas de trabalho de operarios e camponeses dedicados ao esforço da guerra. Mas para o Vietnam não era uma aventura e sim sua revolução.

Quando em 1945 se proclamou a República Democrática do Vietnam começou a reforma agrária, num país com 4/5 da sua população campesina, com 2 milhões que morreram de fome. Durante a guerra contra a França (1946-1954). nos territorios que eram controlados pelo Exército Popular do Vietnam, se dividiam entre componeses pobres e sem posses as terras confiscadas aos inimigos. Ao contrário, quando os exército coloniais conquistavam estas zonas, a primeira medida era despojar os camponeses de suas terras. Esta posição e despojo das terras foi uma constante desde 1945 ate 1964, quando a RNL havia liberado grande parte do Sul. Entretanto a partir de 1965 se intensificaram os bombardeios maciços contra as zonas liberadas no Sul e contra a República Democrática do Vietnam do Norte, o qual era equivalente ou mais grave que os despojos das terras. A reforma agrária conheceu no Vietnam avanços e retrocessos relacionados com as alternativas politicas e militares que impediam buscar a adesão dos terras-tenentes patriotas ou a prescindir deles. A partir de 1953 se faz mais firme e graças a ela puderam ser abastecidas as tropas de Vo Nguyen Giap e a Dien Bien Phu, que foi chamada a operação de arroz andante, porque 200.000 carregadores, o transportaram às costas, em bicicletas ou em búfalos, desde as fontes, distantes a 400Km da batalha, aonde chegava apenas 10% do arroz, já que o resto era consumido pelo incrivel transporte. A batalha de Dien Bien Phu durou 55 dias e 55 noites, de 13 de março a 7 de maio de 1965; assinalou o fim da dominação francesa na Indochina e consolidou definitivamente a Independência da República Democrática do Vietnam do Norte. As tropas de Giap aniquilaram e capturaram 16.000 soldados inimigos e obtiveram a rendição de toda a oficialidade encabeçada pelo general De Castries. Em 20 de julho de 1954 se firmaram os acordos de Genebra que reconheciam a independência absoluta do Vietnam, Laos e Camboja, obrigando a retirada das tropas extrangeiras e proibindo introduzi-las também no futuro. O Vietnam se dividia provisóriamente em duas zonas, ao N e S do paralelo 17, e em 1056 se realizariam eleições para sua reunificação.

No Sul, em junho de 1954, os Estados Unidos haviam posto Ngo Dinh Diem no governo, para ignorar os acordos em trâmite, o qual logo declarou a República do Vietnam do Sul e se lançou a uma feroz repressão aos opositores, particularmente aos comunistas, e guerrilheiros do Viet-Minh, liquidando 170.000 "inimigos" de Diem. É claro, tentou despojar os camponeses das terras divididas durante a guerra, com relativo êxito. Para controla-los criou chefes de aldeias que foram protamente liquidados pela resistência e os concentrava em "aldeias estratégicas" afim de impedir seu contacto com guerrilheiros. Com estas medidas violava também as milenares autonomias comunais dos lavradores e com tudo isso ele não fazia mais que empurrar para a resistência todo o povo. Sobre esta oposição e já sólidas bases politicas, e militares, criou-se em dezembro de 1960 a Frente Nacional de Libertação, que paenas um ano depois exercia seu controle sobre 7 milhões de pessoas. Nas zonas liberadas pela FNL também se realizavam partilhas de terras que em 1967 alcançavam uns 2 milhões e meio de hectares.

O Partido dos Trabalhadores do Vietnam - sucessor do velho Partido Comunista Indochinês, fundado por Ho Chi Minh em 1930 e governante em Hanoi desde 1945 - e a FNL do Vietnam do Sul, resumiam sua luta num lema: "libertar o Sul e defender o Norte". Afirmavam que no Sul teria lugar uma revolução nacional-democrático-popular: nacional pela independência politica ainda não completada; democrática porque liquidava os resquicios pré-capitalistas e coloniais e popular porque era dirigido às masssas trabalhadoras. Em seus documentos não há nada que sugira que a revolução no Sul tenho sido socialista.

Enquanto na República Democrática do Vietnam do Norte, e para dizer com as próprias palavras do Partidos dos Trabalhadores, se tratava de libertar completamente o Norte, concluir a reforma agraria e arestauração da economia nacional, preparar-se para a realização da revolução socialista neste setor".. "O norte libertado passava a etapa da revolução socialista, entrando na época de transição socialista e convertendo-se em sólida base da revolução para todo o país". Equanto a estratégia nacional: "com as forças combinadas da revolução socialista no Norte e a revolução nacional-democrático popular no Sul, nosso povo se lançava a edificar um Vietnam pacifico, reunificado, independente, democrático e poderoso".

Com relação ao objetivo da intervenção norte-americana - que segundo o Congresso e a Casa Branca era defender o Sul de uma ataque proveniente do Norte - os vietnamitas sustentavam que "a guerra de agressão yanque no Sul estava sendo, por seu caráter e objetivos uma guerra encaminhada a implantar o neo-colonialismo".

E a respeito da "estratégia global" - que para Washingotn era reprimir o comunismo onde quer que este avançasse, - se considerava o Vietnam como guerra experimental: "A situação no Vietnam do Sul deixa claro e derrota inivitavel dos imperialistas em sua "guerra especial": se essa guerra de experimentação fracassa no Sul, fracassará em qualquer outro lugar. Esse é o significado internacional da luta patriotica dos nossos compatriotas sulistas: é sua contribuição ao movimento de libertação no mundo".

Japonês da pastelaria em frente: "Já vou avisando que não tem pendura".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

LEITORA DESAPARECE DENTRO DO JORNAL

Esse negócio do fósforo me fez lembrar de uma amiga minha que tem mania de ler jornal. Eu sei que todo mundo lê jornal, mas essa minha amiga é demais. Ela lê até espaço em branco. Tem as mãos pretas de tinta de jornal. Ela morava comigo. Ou ainda mora, sei lá. Nós dividimos um apartamento.

Diariamente ela comprava todos os jornais, e lia todos. Passava o dia inteiro lendo. No apartamento já não tinha mais lugar para nada. Tava cheio de jornal. Ela lia todos os jornais, mas gostava mesma era daqueles bem grandões, aquelas edições de domingo que têm quinhentos ou seiscentos cadernos. Ela pegava o jornalzão, botava na frente e mergulhava de cara. E não largava enquanto não tivesse lido tudo. Era uma questão de honra. O jornal ou ela. Eu já andava preocupado com essa mania, sabe? Eu sempre pensava: "qualquer dia essa menina se perde dentro de um jornal". E não é que aconteceu mesmo?

Foi num domingo de manhã. Eu estava no banheiro lendo um jornal, e ela na sala lendo todos os jornais. Não tinha nada de estranho. Tudo muito normal. Ela estava na sala sentada no meio de um monte de jornais, fazendo a coisa que mais gostava de fazer: esquartejava a edição-monstro do dia, classificando tudo para começar a leitura. Foi a ultima vez que a vi.

Entrei no banheiro, fiz o que tinha que fazer lá e saí. Quando saí ela já não estava mais na sala. Ou melhor, estava. Tinha sumido dentro de um jornal. É, sim. A minha amiga desapareceu dentro de um jornal. Não é brincadeira, não. Sumiu no duro. A porta estava fechada por dentro. A janela também. Não tem chance dela ter saído. Eu tenho certeza que ela está lá. Ela tem que estar lá, dentro de um daqueles jornais. Ah, eu fiquei desesperado. Passei o resto do dia procurando por ela em todas as seções de achados e perdidos. Nas páginas policiais. Nos editoriais. Nada. Ninguém havia achado uma senhorita Catilina Paciência dentro de um jornal. Ninguem sequestrara uma jovem chamada Catilina Paciência. Nada , os editoriais simplesmente ignoravam os casos de desaparecimento de moças indefesas dentro das edições de domingo.

A "guerra especial" iniciou com as maiores operações guerrilheiras e com o incremento de pesssoal entre as tropas sul-vietanamitas dirigidas por oficiais norte-americanos e as Forças Armadas de Libertação do Vietnam do Sul, braço armado da FNL, penetrando até o centro das altiplanices, em Pleiku, ao Norte em Ke Sanh e ao Sul nas bases próximas a Saigon, e também na peninsula de Camau, no extremo meridional. A idéia era unificar progressivamente estas bases entre si, até unir a superficie sob controle norte-americano, porque a FNL todavia, não controlava todo o território, havia batalhas em todos os lados, todo o território era palco de guerra, pelo que os Estados Unidos se propunha "pacificar" o territorio na tentativa de unir suas bases. A atividade das FAL, cada vez mais intensa e frequente, levou ao fracasso estes planos. Desde 1964 já controlavam grande parte do territorio e da população, enquanto Saigon se debatia entre uma feroz repressão aos budistas e os golpes de estado: em 30 meses, de novembro de 1963 a junho de 1966, Saigon teve 13 governos diferentes, o que impedia uma base de apoio politico para as operações contra a FNL, contra quem só caberia uma ação puramente militar, enquanto que estes desenvolviam uma luta armada contra as FAL, lutas políticas de massas, agitação e propaganda dentro das tropas de Saigon (5) e a luta econômica, que implicava na destruição das vias de comunicação e abastecimento do inimigo, o que siginificava se apoderar da colheita de arroz - proveniente principalmente do delta e vale doMekong,controlados pela FNL - obrigando Saigon importá-lo dos Estados Unidos ou então permitir seu acesso pelas províncias liberadas mediante o pagamento de impostos que pagavam os destinatários inimigos. Desde 1964 vinham fracassando todos os planos da "guerra especial", tanto a pacificação, como as "aldeias estratégicas" que não eram criação original de Diem mas sim dos ingleses que as havia implantado com êxito contra a guerrrilha em Malaya -, e a FNL controlava cada vez mais territorios e população, causava cada vez mais estragos ao inimigo e se afirmava como um poder superior ao de Saigon.

A "guerra localizada" se impunha para os estratetistas norte-americanos, já que não podiam combater o inimigo com as tropas de Saigon. Em 1965 começa o desembarque maciço de soldados estadunidenses e se intensificam os ataques navais e aéreos contra a República Democrática do Vietnam do Norte. Em fins de 1964 as FAL já haviam travado s grandes batalhas em campo aberto, com grandes concentrações de tropas.

A guerra se desencadeou com carater permanente entre 1965 e 1973, sem que as tréguas que se costumava marcar para o Natal ou ano novo vietnamita servisem mais que para tentar sondagens diplomáticas entre as partes.

1968 foi um ano decisivo a partir da grande ofensiva iniciada em 30 de janeiro, e que continuou até 5 meses depois. Em fevereiro a FNL ocupou 64 cidades importantes, incluindo Hue e Saigon, estabelecendo o poder revolucionario na primeira. Em janeiro teve inicio o assedio à base nortista de Khe Sanh, que só podé ser evacuada em abril com a intervenção da I Divisão de Cavalaria que foi aéro-transportada, quando as FAL haviam se retirado aparentemente para permitir a evacuação, já que em 31 de março o presidente Johnson anunciou pela televisão a primeira limitação dos bombardeios ao Vietnam do Norte. A base de Khe Sanh foi definitivamente abandonada pelos Estados Unidos em meados do ano, quando o general Westmoreland e seus planos de grandes operações haviam sido substituidos pelo general Creighton Abrans e as pequenas operações móveis. A partir da ofensiva de 1968 os Estados Unidos passam a defensiva. Em 1970 diante da impossibilidade de avançar no Vietnam do Sul, os Estados Unidos invadem o Camboja - 7 milhões de habitantes, pais neutro - logo se extendemos bombardeios maciços ao Laos, que haviam sido iniciados varios anos antes para impedir o abastecimento das FAL pela "rota de Ho Chi Minh, que saia do Vietnam do Norte, entrava no Laos e voltava a aparecer no Vietnam do Sul. A fronteira do Laos com o Camboja era a firme base de centenas de quilometros de largura e dezenas de comprimentos controlados pelas FAL. Em 1972 as FAL lançara outra grande ofensiva, a qual os Estados Unidos não pode responder a não ser reiniciando os bombardeios contra o Vietnam do Norte e minando os portos, com o que demonstrava, de uma vez, como o havia feito durante toda a guerra, seu desprezo por toda as Convenções Internacionais sobre conflitos militares que haviam sido assinados após as Grandes Guerras Mundiais.

A resistência do Norte a estes ataques e a sustentação da ofensiva no Sul, somados à deterioração da situação interna dos Estados Unidos, levaram, em janeiro de 1973 a assinatura dos acordos de Paris, onde se obrigavam a retirada de todas as tropas estrangeiras.

Até 1975, e enquanto o corpo expedicionario se retirava lentamente, prosseguiram os ataques do sempre renovado exercito de Saigon com seus mandos norte-amaericanos, no Vietnam do Sul, Laos e Camboja, com o apoio e os atoques aéreos estadunidenses, e bombardeios maciços. Enquanto a FNL consolidava seu poder nas zonas liberadas, aonde, já em 1969, havia se criado o Governo Revolucionario Provisorio, apoiava a guerra dos Khmer vermelhos e do Pathet Lao contra os exércitos direitistas de seus paises, e o Vietnam do Sul apoiado pelos Estados Unidos. Em janeiro de 1975 começa a ofensiva final no Camboja e em março no Vietnam do Sul. Em 30 de abril de 1975 o G..R.P. içou a bandeira da estrela na cidade de Ho Chi Minh.

As grandes diferenças estratégicas, organizativas e táticas se evidenciam em grandes traços. Os vietnamitas consideravam sua guerra como uma luta de libertação e auto-defesa contra a dominação e agressão de uma potência extrangeira, que, por sua vez, se lançava a uma invasão no velho estilo colonialista, contrariando o unico objetivo politico que pudesse resultar viável no plano hipotético, já que não o era na realidade - e que não podia ir alem do estabelecimento de um estado capitalista independente no Vietnam do Sul.

A guerra rápida, tipo **blitzkrig** que os Estados Unidos tentava utilizar aproveitando-se da sua vantagem inicial em número de tropas e poder de fogo, os vietnamitas opuseram uma guerra de longa duração que permitisse transformar em força militar a resistência popular, aproveitar a força superior de choque da infantaria vietnamita e desgastar o poder militar inimigo, confiando que o poder material e técnico norte-americano estava limitado pela debilidade politica resultante do carater da guerra. E mesmo os Estados Unidos não podiam levar a "escalada" ao infinito dado o isolamento mundial e os protestos dentro do seu próprio pais, que incluiam os importantes setores dirigentes: falções e pombas na giria espanhola. O custo em vidas e dólarea que Washington podia absorver estava realemtne limitado.

A divisão horizontal do território sul-vietnamita em quatro Regiões Táticas de Norte a Sul naseada na relação existente entre a quantidade de bases norte-amaericanas e as zonas ocupadas pela FNL, esta opôr três regiõs estratéticas baseadas na topografia, no clima, na população, na economia e na politica. Estas tres regiões estratégicas eram a cidade, o campo e as montanmhas, com suas particulares qualidades ofensivas e defensivas.

Aos exércitos baseados em efetivos regulare dos Estados Unidos e Saigon, a FNL opôs as Forças Armadas de Libertação do Vietnam do Sul, compostas por três categorias de tropas: a) Guerrilheiros: unidades locais de auto defesa que asseguravam a defesa da aldeia e passavam do trabalho cotidiano ao combate e vice-versa; b) Unidades Regionais que operavam em distritos ou provincias agrupadas geralmente em companhias; c) Exército Regular bem equipado e treinado para todas as formas de guerra moderna que operavam no conjunto do território. Seus efetivos se integravam por passagens verticais das unidades locais às regionais e depois ao exército regular. Esta organização era similar a do Exército Popular do Vietnam, que havia conquistado a vitória contra a França e suas caracteristicas essenciais eram a democracia e voluntariedade no recrutamento, da guerrilha em diante; a cooperação constante das duas primeiras agrupações e todas as operações do Exército Regular; o importante papel do comissário politico e as seções de auto-critica onde não apenas avaliavam as operações militares como o conjunto de problemas politicos. Estas características, além de dotar o Exército de um recrutamento dos melhores combatentes, assegurava a mobilidade e presença das FAL em todo o território.

Os Estados Unidos substimavam o inimigo aodescreve-lo como um punhado de guerrilheiros e "congos" em bloco. Hanoi e a FANL efetuaram as mais sutis distinções mesmo dentro dos próprios circulos dirigentes de Washington, para dirigir a cada um a propaganda adequada.

O comando norte-amaericano no Vietnam mantinha um dispositivo disperso e oscilante entre a ofensiva e a defensiva, segundo diminuiam ou aumentavam os ataques das FAL, que mantinham a iniciativa. Em contra partida os vietnamistas haviam optado pela ofensiva estratégica, a partir da guerra de auto-defesa politica, mantendo permanentemente sua superioridade no ataque.

A contrario, para estas ações os norte-americanos se apoiavam principalmente superior poder de fogo de sua aviação e artilharia principalmente com a "Cavalaria aerea" inventada **ad-hoc** para esta guerra e cujo custo resulta tão proibitivo que não se pode aplicar em outros exércitos - mas a debilidade de suas forças de choque de infantaria impediam que encontrassem as FAL, que apareciam de improviso e desapareciam como fantasmas.

O sumiço da Catilina me deixou muito preocupado. Tenho tido pesadelos horriveis. Sonhei que um jornal carnivoro me devorava enquanto eu dormia. Sonho que estou perdido no meio do caderno de classificados: "Ator-Oferece-se". Ai, meu Deus do céu. O pior foi no dia que eu sonhei que estava no meio de um anúncio funerário. Vocês não podem imaginar o que tenho sofrido nestes últimos tempos. Ando até com distúrbios neuro-vegetativos. Eu tou simplesmente apavorado. Agora tenho que pagar sozinho o aluguel. E o pior é que tenho que ficar com a sala cheia de jornais velhos, porque não sei dentro de qual está a Catilina, e não posso me arriscar a jogar a minha amiga no lixo. Vocês já pensaram se eu pego um jornal daqueles, umzinho só, e queimo? Meu Deus, eu não quero nem pensar. A Catilina pode estar justamente dentro desse jornal. E daí? Churrasquinho da Catilina Paciência?

Olha, acho que a única solução para o meu caso é botar um anúncio no jornal:

Ator procura jovem que goste de jornais velhos, para dividir apartamento.

Alberto Centurião

Cada minuto que passava parecia uma eternidade. E não é a mesma ansiedade que você sente quando fica preso no elevador. Ela traz também algo de alegre, daquela ansiedade-véspera-do-deslumbre. Mas traz, principalmente, o esforço do trabalho, que você assume, assim, na proporção que ele aparece. E mais uma vez foi possivel contatar que o bicho ainda respira. (Martins Vaz).

Na noite de 26 de outubro aconteceu em SP o lançamento do livro "Leão de Chácara", do João Antônio. Muita gente boa compareceu à redação do Ex, onde aconteceu a transa. Scaps estava nascendo naqueles dias e também participou da festa, que se arrastou até altas horas, nos improvisados salões do Pássaro Preto. Agora: o livro do João saiu pela Civilização Brasileira e já se encontra nas livrarias. Reúne quatro contos do submundo, naquele estilo que tornou seu autor uma espécie de ministro-Sem-Pasta da Marginália. (Martins Vaz).

Luizinho (nosso boy): "Mas começar a receber a partir do terceiro mês? Como Assim??"

CEDEM

REVELAÇÃO

— O índio aculturado é a figura mais triste do mundo. E como existem índios tristes. . . Mas, o não aculturado é feliz. Tem vida.

ALVARO VILLAS BOAS, sertanista

OS DOIS GUMES DA LINGUAGEM

Mesmo no nível verbal, onde eles se sentem mais à vontade, os educadores têm feito muito menos do que poderíamos razoavelmente esperar que fizessem para explicar aos jovens a natureza, as limitações, as imensas potencialidades para o bem ou para o mal da maior de todas as invenções humanas: a linguagem. As crianças deviam ser ensinadas que as palavras são indispensáveis mas também podem ser fatais: as únicas procriadoras de toda a civilização, toda a ciência, toda a consistência de elevados propósitos, de toda a bondade angelical, e ao mesmo tempo, as procriadoras de toda a superstição, toda a loucura e estupidez coletiva, todo o demonismo pior do que bestial, toda a horrenda sucessão histórica de crimes cometidos em nome de Deus, Rei, Pátria, Dogma, Partido. Nunca antes, graças às técnicas de comunicação de massa, tantos ouvintes estiveram mais completamente à mercê de tão poucos locutores. Nunca as palavras mal usadas — essas ferramentas pavorosamente eficientes de todos os tiranos, fomentadores de guerras, inquisidores, perseguidores, caçadores de heresias — foram tão vasta e desastrosamente influentes como hoje. Generais, autoridades eclesiásticas, homens de imprensa e todos os governantes de Estados totalitários — todos têm boas razões para hostilizar a idéia de uma educação universal que ensine o uso racional da linguagem. Para a mentalidade militar, clerical, propagandista e autoritária, semelhante instrução parece ser (e certamente é) profundamente subversiva. Aos que pensam que a liberdade é uma boa coisa e esperam que, algum dia, venha a tornar-se possível a maior número de pessoas aperceberem-se mais claramente de suas desejáveis potencialidades numa sociedade feita para que indivíduos livres e plenamente humanos nela vivam, uma educação completa sobre a natureza da linguagem, seus usos e abusos, parece indispensável. Se, de fato, a crescente pressão da superpopulação e da superorganização num mundo ainda entusiasticamente enfeudado à idolatria nacionalista permitirá que esse tipo de educação lingüística seja adotado, mesmo pelas nações mais democráticas, é algo que ainda resta a ver.

ALDOUS HUXLEY, em Educação Em Nível Não Verbal".

Os Estados Unidos dispunham de grande mobilidade graças as suas tropas aéro-transportadas, com potente fogo de apoio e com a rapidez em seus dispositivos de cerco, com a grande força de choque de sua aviação, artilharia e tanques, mas todas estas vantagens de diluiam em estéreis esforços pela debilidade do fogo de apoio direto, à tendência de suas tropas em aglutinar-se durante os combates, sem audácia de manobras, pela debilidade e às vezes inexistência de uma força de choque em sua infantaria, acostumada a batalhas ordenadas, e, por ultimo, por sua baixa moral.

A incerteza norte-americana entre a ocupação do território ou a mobilização de suas forças, pela desproporção entre a super- abundância logística e de serviço diante da escasses de suas forças combatentes, as FAL opunham ataques pelas montanhas e pela costa, no norte e no Delta e na peninsula de Camau, nas cidades e no campo aberto, com ações de guerrilhas, com fortes concentrações de tropas, atacando pela retaguarda e pela frente, simultânea ou separadamente, contando como fator decisivo para as vitórias a superioridade de suas forças de assalto.

A guerra "especial e localizada" ou "limitada", que os EUA arriscavam, os vietnamitas opuseram uma guerra total da nação inteira, apoiando-se na ajuda da China e da União Sovietica, que foi modesta em relação aos recursos militares norte-americanos e ainda com a proporcionada pela mesma URSS ao Egito neste mesmo periodo. O vietnam aproveitou a justiça politica da sua causa, que levava ao máximo de heroismo e decisão do seu povo, frente a luta sem ideais do corpo expedicionário e os soldados de Saigon.

Para uma potência mundial cuja declinação é mais sanguinaria que a do Terceiro Reich, os vietnamistas opuseram uma pequena nação cuja afirmação para sobreviver é mais forte que a das velhas potências. Para as forças da morte, as forças da vida. A guerra dos generais de West Point e a dos computadores, o Vietnam opôs a guerra do povo. A cavalaria do céu, uma infantaria da terra.

E como nas outras da história, esta também será escrita pelos vencedores.

notas:

(1) Breve História do Partido dos Trabalhadores do Vietnam. Edt. A Rosa Blindada, Bs. As. 1974; pags. 69 70.
(2) Obra cit, pag. 102.
(3) Ho Chi Minh, informe na Conferencia Politica Especial, março de 1974. Obra cit. pág. 100.
(4) Richard Nixon: Discurso do dia 30 de abril de 1970.
(5) J. William Fulbright, Senador oposto a intervenção norte-americana, no artigo "Vietnam, o fundo de uma questão", publicado na revista "The Progressive", em fevereiro de 1970.

OS NÚMEROS DA GUERRA

	vietnam do norte	vietnam do sul
superficie	158.750 Km2	173.809 Km2
população	21.340.000 hab.	17.867.000 hab.
cidades principais	Hanoi: 644.000 hab. Haifong: 369.000 hab.	Saigon: 1.640.000 Danag: 269.000 hab.

TROPAS NO SUL DO VIETNAM (1968)

	homens		homens
Forças de Saigon	800.000	Guerrilhas	120.000
Estados Unidos	543.000	Unidades da FNL	65.000
Coreia do Sul	50.000	Regulares da RDVN	80.000
Tailândia	13.000	total	265.000
Austrália	8.000		
Filipinas	2.200		
Nova Zelândia	550		
Total	1.416.750		

fonte: pentágono

A "ESCALADA" DOS ESTADOS UNIDOS

ano	efetivos	baixas (1)
1964	23.000	147
1965	184.300	1.369
1966	385.000	5.008
1967	486.000	9.378
1968	543.000	14.592

(1) Mortos em ação na guerra.
fonte: pentágono

Baixas do Exército de Saigon (1964-1968)	61.720
Baixas do Vietnam do Norte e da FNL	260.000

bombas lanças	toneladas
No Vietnam até outubro de 1968	2.948.057
Na Coreia	635.000
Na Segunda Guerra Mundial (Europa e Asia, incluidas as 2 bombas atômicas)	2.057.244

fonte: pentágono

	De janeiro 1961 a abril 1965	De maio 1965 a abril 1967
Baixas ocasionadas ao inimigo,	550.000	289.00
Incluindo norte-americanos	4.890	113.000
Tropas de Saigon	—	161.000
Paises aliados de Saigon	—	15.000
Destruição de elementos belicos do inimigo:		
Aviões e helicópteros	2.100	3.240
Barcos e embarcações de guerra	1.000	127
Trens militares, locomotivas e vagões	170	158
Postos e centros de adestramentos	2.000.	320
Armas capturadas	75.000	—
Aldeias estratégicas	7.000	—
Canhões	—	420
Pontes	—	372
Distância do Vietnam aos Estados Unidos		13.000 km

Quadrinhos

Nos bons tempos do Grilo, eles publicavam endereços de Fanzines, e uma porção de publicações de cuadrinhos **underground**. A gente mandava pedir e vinha mesmo. Agora estão aí alguns endereços de publicações que, em sua grande maioria, não custam nada aos bolsos.

Linformatic Underground: pequeno folheto de informações. Sai quando pode. Patrick Girou, 15, rue François. 17 - Royan/France.

0 & Magnus: mesmo gênero de folheto, só mais ilustrado. Eric Batard, rue Kleber, 37.500 - Chinon.

Stripart: é o nome de uma revista de cuadrinhos iuguslava, que publica desenhos franceses e belgas (Buck Danny, Blue Berry, Poruqnic Bluberry, Zak Benoa) e desenhistas americanos. Custa mais ou menos dois ou três francos. Endereço: P. O. Box 38,71210 — Ilidza, Yoguslávia.

1+1: revista de informação marginal, criticas, anúncios e artigos sobre tudo que fale da marginalia. Endereço: Yves Grunberg, 8, Rue Adolf-La-Lyre, 92, Courbevoie, France.

Metal Hurland: está cheio de desenhos de Druillet, Moebius e Mandrika (com a sua Baringela Mascarada, que assim que der a gente vai publicar). O preço é meio pesado, mas transando em patota dá: 8 francos. Endereço: 32, rue Yves Toudic 75010, Paris.

SCAPS

Editores: L.C. Rettamozo- A.C. Martins Vaz--Solda-Raimundo Caruso-Paulo Roberto Marins-Hélio Teixeira--Gorda-Paulo Leminski-Alice R. Schneronk--Dante-Reinoldo-Luiz Antonio Stinghen (SP)-José Trajano-(SP)-Marília (SP)-Dácio Nitrini (SP)-Jaime Leão (SP) -Luiz Augusto--Gollo-(RJ)-Call (RJ)-Carlos João (RJ) - Verissimo (RS)-Bonzon (SC)--Meneghin (SC)-Juarez Fonseca (PA)-Leonid Streliaev (RS).

SCAPS: Av. Barão do Cerro Azul, 307 - fone (0412) 23-2119 - Curitiba-Pr. Tiragem: 5 mil exemplares.

Scaps pode ser encontrado, em São Paulo, no bar do Luizinho, à rua dos Ingleses, 233, ao lado do Teatro Ruth Escobar.

Distribuição no Paraná e em Santa Catarina - Ghignone.

Uma publicação da Editora Hoje.
Impresso nas gráficas do Diário do Paraná.
Nenhum direito reservado.

Hiran Mello: "Dá samba. Contem com a Foco".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Analfabeto só abre a boca para dizer besteira, provérbios, trovas, adivinhações, bom mesmo é ser doutor dizer Bom Dia Senhor, Como está seu Excelentíssimo Carburador? LEMINSKI

Jornal dominical de Ribeirão Preto.

Cada um tem o padrinho que merece. Os formandos de Comunicações Sociais, da Universidade Federal do Paraná quase tiveram o seu: o ex-udenista, ex-presidente do "Clube da Lanterna", ex-cassado, jornalista de horas vagas, Carlos Lacerda. Numa pequena sala, aliás, a chamada "redação modelo", no sétimo andar do antigo prédio da Faculdade de Filosofia, a maioria dos acadêmicos, no entanto, derrubou a idéia pouco luminosa. Seu proponente, já trabalhando na "Gazeta do Povo", queria Lacerda como padrinho e conferencista da formatura "para chamar atenção sobre o curso". A ameaça de assistirem de cuecas a formatura e outras medidas pouco protocolares, digamos, tirou Lacerda de campo, ao menos temporariamente, porque da reunião não participaram todos os formandos. O mais temível adversário de Lacerda passou a ser o personagem de Chico Anísio, o radialista Roberval Taylor.

Em raia seca ou molhada, mil cabeças à frente pro Taylor.

Excelentíssimo Carburador?

A notícia teve sabor de ironia nas redações dos jornais curitibanos. As agências France Press e UPI distribuiram uma nota, informando que os serviços de segurança do governo chileno, baseados no jornal "O Dia", de Curitiba, haviam justificado a morte de dezenas de adversários do governo de Pinochet, "em choques com forças de seguranças argentinas". Essa revelação causaria surpresa também ao arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, através de entrevista no jornal "Ex" e desencadearia também a procura de exemplares de tal jornal. Soube-se, por exemplo, que "O Dia" fora fundado em 2 de julho de 1870 e por várias vezes paralisou suas máquinas, sendo relançado em 1896, 1901, 1932 e a mais recente descoberta: em 1975. Na realidade, em abril deste ano, Almir de Lara, proprietário da "Imperium Sociedade Jornalística e Publicitária Ltda", com sede em Curitiba, relançou "O Dia" encartado num outro jornal, especializado em notinhas de interesses econômicos. Foram editados três números, o último deles datado de 25 de junho estampando na primeira página a matéria sob o título "terroristas chilenos no interior da Argentina" e relacionava 60 mortos. Entretanto, numa entrevista publicada pela "Veja" com o próprio general Augusto Pinochet, há três semanas, o presidente chileno declarava: essa matéria, dada à transcedência que alcançou e o interesse do governo em esclarecê-la, foi entregue ao Ministério do Interior, para que investigue e informe".

Desde junho "O Dia" não é mais visto nas bancas.

Suínos, uni-vos às multinacionais, porque a barra vai pesar. Pelo menos é isso que dois deputados pelo MDB, o Nilson Sguarezzi e Deni Schwartz estão querendo. Com levantamentos bem nutridos, os dois, por sinal representantes do sudoeste, região onde estão os maiores rebanhos de suínos paranaenses, estão insistindo e vão continuar tentando tirar toucinho do feijão de muito gringo por aí, berrando que "carne e banha de porco não aumentam a taxa de colesterol". E não é sujeira, porque a coisa é quente, tanto que os dois já possuem esclarecedores depoimentos de brilhantes pesquisadores da Universidade de Viçosa e mais recentemente da própria Universidade Federal do Paraná, sustentando a tese paralela dos bravos emedebistas: "essa história de porco dar colesterol é coisa das multinacionais". E brigando por isso, eles citam o exemplo do alto consumo de carne e banha de porco na Argentina, "inclusive com preços 25 por cento mais baratos que os nossos". Assim, segundo eles, diminuindo o consumo dos derivados de suínos, as Sambras e Cargills da vida aumentam seu faturamento não só em cima dos preços de soja, mas na venda cada vez maior do óleo. Esse aí que frita pastéis e se joga na salada, mais conhecido pelos curitibanos como azeite. Portanto, se a coisa pegar, vai dar porco na cabeça.

No último dia 9 o Tribunal de Contas do Paraná julgou uma consulta do Tribunal de Justiça sobre os proveitosos do ex-governador Emilio Gomes. Ocorre que, de acordo com a lei, ao assumir a presidência do Banco do Estado do Paraná, o ex-governador teria que "dispensar" seus antigos "honorários". E pelo jeito, ele terá que passar, ao menos temporariamente, sem os 10.200 cruzeiros, valor equivalente ao que um desembargador recebe, porque o Tribunal de Contas julgou ilegal o acúmulo dos proveitos e dos honorários.

Hélio Teixeira

er Londrina, Jornal de serviços, distribui gratuita.

Jornal do DCE da Fundação Universida Estadual de Londrina

Dante (cartunista): "Precisa definir a linha do jornal. Tem que haver um conselho editorial ?".

Há mãos prisioneiras, aqui atrás, pedindo socorro. E mãos prisioneiras tentando explicar aqui nesta máquina. Que não é assim tão fácil. Multiplicar os pães, numa época sem milagres.

Pior que a censura - já se disse - só a auto-censura que liquida com a criatividade antes de nascer. Anos e anos de auto-censura embotam espiritos.

Por sinal, onde ficou a prexença de espírito?

Talvez em dias distantes, num hino que prometia raiar a liberdade.

MALDIÇÃO

Deita-te na cama de pregos e cria fama de faquir.

CAETANO VELOSO

Oficina samba

Da Comunidade Oficina Samba, Lisbo

CREDIBILIDADE

Na hora da credibilidade, a televisão perde feito para os jornais, embora uns e outros procurem se aproximar da verdade. A televisão é, ainda, muito instantânea para nossos espiritos retrógados.

Quando o presidente falou, pela televisão, houve gente que jurou ter escutado subdesenvolvimento no lugar de não-desenvolvido; e fins, e não meios.

Os jornais desfizeram a dúvida.

DISTRIBUIÇÃO

Um cálculo não feito, mas sempre citado quando se fala no futuro do Brasil: quanto a Petrobrás está perdendo, por dia, por não distribuir a gasolina no território nacional?

Aí é que o filé **mignon**, a parte do leão.

Uma coisa nos torna iguais em questão da gasolina: apesar de shells essos e outras menos votadas, é a mesma mistura de hidrocarbonetos que enche nossos tanques, (encher, que ousadia, nesses dias). E um reforço àquela tese de que se a gasolina é a mesma, a empresa pode ser uma só.

ex-

JORNAL DE TEXTO, FOTO, QUADRINHO E O DIABO.

Compre o Ex! Melhor ainda: assine o Ex, mandando este cupon (ou cópia dele, pra não estragar o jornal) para a Rua Santo Antônio, 1043, São Paulo - CEP 01314

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Data: _____

☐ 12 EDIÇÕES (Cr$ 70) ☐ 6 EDIÇÕES (Cr$ 35)

Forma de pagamento: cheque nominal para a Ex-Editora Ltda

DUPLICAÇÃO

Como somos um povo que pensa (apesar da subnutrição) sempre arrumamos soluções, como a de duplicar, no minimo, o preço de gasolina. E conservar o do óleo diesel nos últimos 25 por cento. E um estímulo ao transporte coletivo.

Adiminstradores como arquiteto Jaime Lerner defendem o transporte coletivo como única solução para os problemas de circulação nas grandes cidades, onde já se concentra 60% - é isto? - da população do país.

Curitiba, que é uma das cidades mais despreocupados, tem em suas ruas, 130 mil automóveis diários e 20 mil ônibus, caminhões e similares. Todo o dia. O Detran calcula em três quilômestros mensais os novos automóveis que entram em circulação.

A duplicação ou triplicação do preço da gasolina, além de descongestionar nossa neurose urbana, iria resultar em **superavit** em nossa balança de pagamentos. Se afetar nossos bolsos cada vez mais vazios. Porque os fretes continuariam os mesmos com o oleo diesel nos mesmos indices.

Outra, de cunho social: diminuiriam as mortes dos menos aquinhoados, normamlmente pedestres.

Vamos convir, porém seria uma solução, apesar de simples tremendamente complicada: as indústrias automobilisticas teriam sua produção em queda. E elas estão em mãos estrangeiras.

EXPRESSA

Já que o expresso passou ali na esquina de nossas vidas, intrometendo-se no papo urge salvar-nos dessa fobia aos coletivos.

A idéia do expresso é boa - está aí o transplante das suas canaletas para cídades parecidas - mas a prática é que nos transportou para certas realidades.

Os expressos seriam não poluidores, nossos ouvidos seriam animados, em suas viagens, por musicoterapias intensivas. E todos seriamos, felizes, como nas estórias da carochinha..

Não fora, é claro, o trovejar dos freios e das mudanças de marchas e o medo nos cruzamentos.

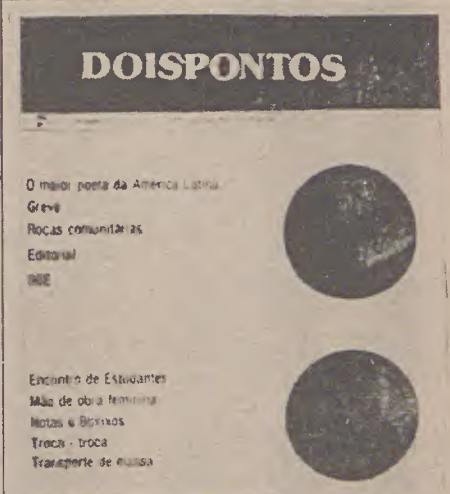
Por causa da prática, o expresso quase vira condenado à morte. Mas a teoria é boa.

CITAÇÃO

Melhor que todo papo é ficar com a revista **"Fellowship"**, (fevereiro/74) americana citada por **Crisis** (maio/75), hoje a melhor revista latino-americana que conhecemos: "Se o mundo fosse uma aldeia global de 100 pessoas, 70 não saberiam ler e apenas uma teria educação universitária. Mais de 50 pessoas padeciram pela má-nutrição e mais de 80 viveriam naquilo que achamos de "habitação de padrão inferior".

"Se o mundo fosse uma aldeia global de 100 habitantes, seis deles seriam cidadãos dos Estados Unidos. Esses seis teriam a metade de toda a renda da aldeia; os outroa 94 viveriam da outra metade.

"Como se arranjariam as seis pessoas prósperas para viver **em paz** com seus vizinhos? Sem dúvida, se veriam obrigadas a armar-se contra as outras 94... talvez até o ponto de gastar - como gastamos mais dinheiro em defesa militar, por pessoa, que o total da renda por pessoa das 94 restantes".



CÓPIA

O Brasil não é original

Uma passada de olhos na história do Césare Cantu (o mais popular escritor italiano do século passsado, defensor dos ideais da Revolução Francesa, então uma boa), revela: numa pauta de Módena de 1306 se lê, no número das mercadorias, o nome Brasil e numa carta geográfica de André Bianco, traçada em 1436 e conservada na Biblioteca de São Marcos, em Veneza, está indicada, exatamente sob o mesmo nome de Brasil, uma ilha situada no Atlântico.

ENTREGA

Já que o Cantu apareceu aí, há mais uma razão para que os indios do Novo Mundo, tantos em priscas eras, sejam tão poucos hoje. A confiar no que ele diz, Montezuma, no primeiro papo com Fernão Cortez, depois de algumas **milongas**, teria falado assim: "temos sempre acreditado que os seus descendentes viriam algum dia tomar posse deste país; agora, pois, que vindes das partes donde nasce o Sol, e que dizeis que nos conheceis desde muito tempo, não posso duvidar que o rei por quem sois enviado não seja o nosso natural senhor".

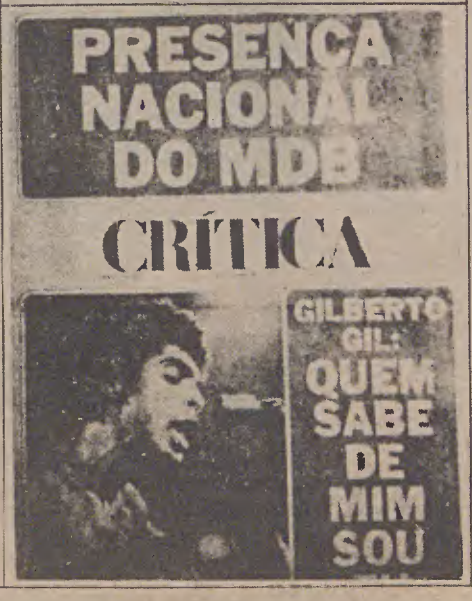
Montezuma entregou o ouro p'ros bandidos.

ENTENDIMENTO

Os velhos não entendem os novos. Querem nos governar, querem nos obrigar a fazer exatinho o que eles fazem. Esquecem-se de que se fosse assim, o mundo parava. Não havia mais nada novo.

O papo aí é do Pedrinho, antes de gregas aventuras no Sitio do Picapau Amarelo, numa época em que é preciso recordar vovó Benta - uma velha diferente das outras - e as campanhas de Monteiro Lobato por nosso petróleo.

Roberto Marins.



Gilda de Abreu (folclore curitibano): "O nº 1 é facil. Quero ver vocês chegarem no nº 2".

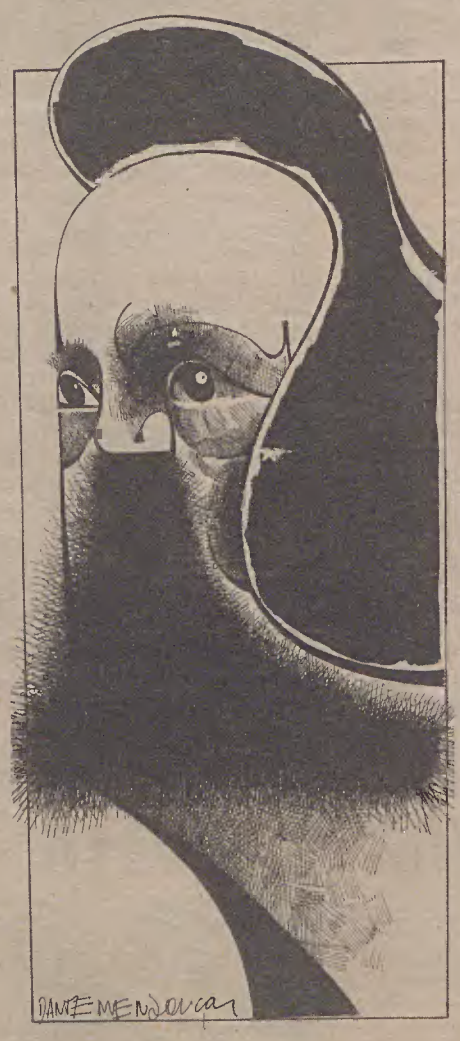
Entrevistinha

Otacílio Guarnieri

Ele poderia se chamar Otacílio Calisto, se não se chamasse Gianfrancesco Guarnieri. Assim como Calisto — seu personagem em "Me Dá o Mote" — Guarnieri também é um pingente da vida: um cara preocupado com os problemas do estômago. O repórter Martins Vaz, de Scaps, foi encontrá-lo em seu sítio, na estrada de Cotia (SP), no km 21 da Raposo Tavares. Alí, entre lagos de tilápias e amexeiras carregadas de frutas, Guarnieri perdeu a paciência. E falou do Arena, mote, Boal, vazio e Brasília. Guarnieri, quando uniu-se a Augusto Boal e Edú Lobo, tempos atrás, formou o mais importante grupo de teatro desta cadeia verde-amarela, norte sul do Brasil.

SCAPS: Houve uma época que havia um trabalho de nível no teatro brasileiro, através dos grupos Arena e Oficina. Hoje existe uma carência total nesta área. Como você analisa esta transformação?

GUARNIERI: É evidente que, apesar disto ter ocorrido, nós não desligamos do processo cultural, artístico e, consequentemente, do processo geral. O surgimento do Teatro de Arena e, posteriormente, do Teatro Oficina, aconteceu no momento em que o país vivia uma verdadeira afirmação de nacionalidade, seguindo aquele período grande de Estado Novo, de ditadura. O país procurava o seu caminho democrático: a indústria brasileira começava a se formar, o eixo econômico saia da monocultura e houve até mesmo a conquista do campeonato do mundo e a fundação de Brasília. Foi nesta época, na segunda metade da década de 50, que começaram surgir estes movimentos artísticos, tanto na música popular, no teatro, etc.



SCAPS: Então vamos delimitar com precisão este período de trabalho maciço do Arena.

GUARNIERI: O trabalho começou em 56 e teve sua eclosão em 58, juntamente com a eclosão da nova dramaturgia brasileira. Este trabalho foi mantido até 64, quando houve uma mudança nas realizações da equipe, ocasionada pelo que se chama "uma mudança geral". A censura atuava com uma rigidez muito grande, fazendo com que os artistas não tivessem liberdade de expressão. Então, a inexistência de grupos artísticos que desenvolvam um trabalho com metas e objetivos, se deve a falta de condições até mesmo primárias para sua execução. As pessoas estão preocupadas com a sua sobrevivência, transportando seus trabalhos no campo específico do teatro para a televisão.

SCAPS: Quer dizer que houve uma dispersão de valores a partir deste ano curioso de 64; você, como elemento catalizador destes valores, também juntou seus trapinhos?

GUARNIERI: O ano de 64 foi de tentativas, ainda que em condições diferentes. Tentamos entender esta nova realidade e atuar dentro dela. Mas foi a partir de 68 que os grupos de trabalho não obtiveram mais possibilidades de atuação, de existência autônoma, independente. As pessoas então optaram por outros planos, outros objetivos...

SCAPS: Assim como você fez com a televisão?

GUARNIERI: Não, não é o caso.

SCAPS: A televisão não seria assim...

GUARNIERI: (cortando) O fato de fazer televisão se deve a que a televisão adquiriu uma importância tão grande dentro da nossa sociedade que não participar dela seria se marginalizar. Houve quem continuasse fazendo teatro, sem aceitar a televisão. Mas o cara acaba se marginalizando. Em se falando de televisão brasileira, ela deu uma melhorada nestes seus 25 anos de existência, ainda que alguma coisa...

SCAPS: Então você não aceita este período como sendo de condicionamento?

Porque se observa que qualquer artigo de nível colocado na televisão, no vídeo, vira produto aguado, por mais que você se esforce.

GUARNIERI: É verdade. A programação continua sendo o intervalo e o comercial a realização total. A obra, o trabalho perfeito tem um intervalozinho lá para vender o comercial. Mas isso a gente sabe: o fato é que ela é uma coisa real, atuante. A mudança desse processo da televisão não é para agora, mas, quero crer, para um futuro remoto.

SCAPS: Você está voltando agora com o texto "Me Dá o Mote". Fale deste trabalho.

GUARNIERI: O "Me Dá o Mote" nós poderíamos chamar de um monólogo musical na terceira pessoa. Ele vem dentro da linha do trabalho que me proponho fazer, procurando me expressar através do teatro e, principalmente, procurando dentro do vazio cultural não me resignar com este vazio. Com isso vou tentando a abertura de um debate, do retorno a um diálogo, para que se volte a discutir a respeito dessa coisa tão importante que é a cultura de um país. Existe tantas perguntas que, embora não sendo novas, é necessário refazê-las a cada momento: o que é uma cultura popular? existe uma cultura popular? O trabalho que estamos fazendo agora, que eu chamo de imediatista, é um trabalho que não visa nenhuma placa comemorativa: quer apenas sensibilizar as pessoas. Esta revindicação é essencial como o é a comida, a roupa, o abrigo.

Moacir Rodrigues da Silva (chefe da censura): "Não precisa de censura prévia".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

SCAPS: A juventude que hoje se forma no Brasil...

GUARNIERI: Exatamente! Quando esta juventude tiver que participar ativamente nós veremos o mal que este vazio causou. Eles não estarão preparados para enfrentar qualquer tipo de responsabilidade; nem mesmo sua própria existência. Estas pessoas estão passando à margem das informações do nosso mundo e dos grandes debates que se trava hoje. A perspectivas que se dá a elas é muito mesquinha.

SCAPS: Após "Um Grito Parado no Ar" você retorna com "Me Dá o Mote" que tem uma temática bem mais aguda. Esta mudança seria sintomática?

GUARNIERI: Ainda é cedo para tirar conclusões. O que tem o "Mote" é que retrata o homem do povo, o trabalhador, o assalariado. No fundo este homem é quem está construindo estr negócio todo: as estradas, os edifícios... Este personagem, o homem do povo, surgiu com a nova dramaturgia brasileira, como chamavam os críticos, e na peça "Black Tie", que eu escrevi para o Arena. Este personagem desapareceu nos últimos onze anos. A não ser Plinio Marcos, todos os novos dramaturgos caminharam pela trilha do existencial, retratando o homem solitário e procurando os problemas não em volta, mas além.

SCAPS: E tua preocupação quanto ao aspecto formal do teatro? Uma mensagem pode parecer velha sem uma embalagem moderna.

GUARNIERI: O teatro tem sua dinâmica interna e isto me obriga a estar sempre estudando. Não basta você apenas ter uma idéia a dizer. Se ela não for expressa através de um instrumental artístico, ela não rebate. Eu tenho uma preocupação muito grande quanto ao aspecto estético. Estas colocações vanguardistas — quanto á estética — contribuem bastante, mas é um problema de colocação. Conhecer o público ao qual você se dirige é fundamental.

SCAPS: Mas este negócio de que a forma não revoluciona...

GUARNIERI: O problema é o enfoque. Como no Brasil continua-se macaquiando muito — e isto é perigoso — convém colocar direito a questão, senão a gente cai no novo pelo novo. A maioria dos caras que estão apitando por aí não estão sabendo de nada, não se preocupam com nada. Este tipo de enfoque está muito confuso.

SCAPS: Falemos do parceiro Boal. Onde ele anda?

GUARNIERI: O Boal está preocupado com o teatro na América Latina. Está numa atividade teórica grande, desde os EUA, México e outros países da América, com exceção do Brasil, onde ele não vem há muito tempo. Ele publicou três livros sobre as técnicas do teatro latino-americano e fez um trabalho no Peru, incluido no plano geral de alfabetização. Atualmente ele dirige um grupo na Argentina. O Boal deu uma contribuição fundamental para o Teatro de Arena, quando todos nós estávamos começando. Nós não tinhamos uma formação orientada para o trabalho teatral, e foi o Boal quem sustentou a coisa, pois ele vinha de dois anos de dramaturgia na Universidade de Colômbia. Ele tinha um método — e se diferenciava de nós que erámos apenas intuitivos. Ele apareceu aqui com os métodos do Actor Studio e aquela coisa toda. Ele sistematizou nosso trabalho, que estava caótico. Enfim, o Boal foi fundamental, como o foi todo aquele pessoal: o Flávio Império, o Paulo José, Edú Lobo...

SCAPS: E o plano do filme "Paulinho Perna Torta"?

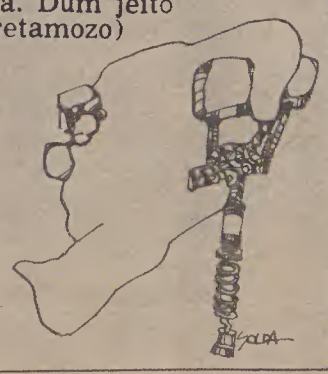
GUARNIERI: Eu me identifico muito com o trabalho do João Antonio. O tema seria mesmo o do Paulinho (um dos contos do João) e teria a direção do Maurice Capovilla. Nós já discutimos a estrutura do filme com o Capô, faltando conversar com o autor. O tema é uma visão de quase 25 anos de Brasil e eu deverei interpretar o personagem principal. É isso.

Gente que mantém pássaros na gaiola tem bom coração. Os pássaros estão a salvo de qualquer salvação. Leminski

RETÃO: quando aqi xeguei estavas na gráfica com o primeiro nº de SCAPS, e eu qe tinha vindo todo afoito te propor primeiro às ganhas, quiçá taremos de segundão no troço, quiçá sabe-se. Mea culpa, qe fui me adentrar a brasis e abandonei vocês qe, longe de mi só fazem kouza boa. Ñ vi mas gostei do SCAPS, principalmente porqe ele existe. Negócio é entrar numa muito boa, dessas. O resto já era, como dizia vovó. O pessoal é quente, levando o sério com humor, fazendo do coração tripas pra que vos qero. Vida longa ao Scaps, mais do qe o pauvre ISSO, que ñ tem nada a ver com aqilo, bá! Qualqer coisa tamos aí, cada um com suas bolinhas, sem dar bola pros donos das calçadas, qe criança que se preza faz seu búrico onde der e tiver gente pra jogar. E quando todo mundo tiver afim, a gente sai empinar papagaio, acertei?

Drela

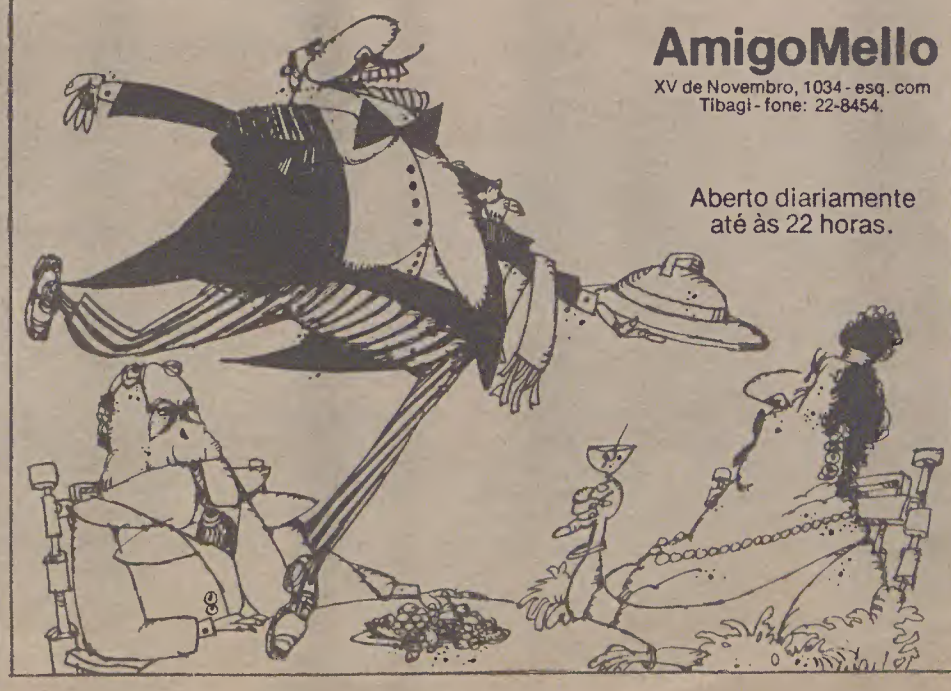
O movimento parece levar a uma fascinação que vai do cheiro ao choro. O movimento é o da cebola (flor encabulada) e a faca. Dum jeito geral. (retamozo)



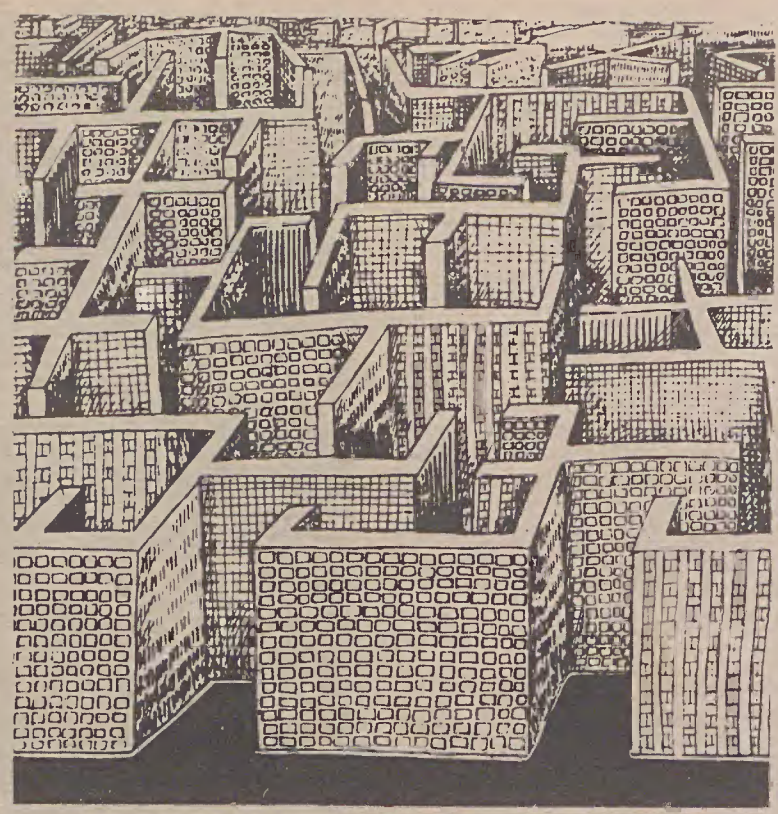
Venha comer no AmigoMello. Rápido como um coelho, barato como um sanduiche e gostoso como o Robert Redford.

AmigoMello
XV de Novembro, 1034 - esq. com Tibagi - fone: 22-8454.

Aberto diariamente até às 22 horas.



Diversas pessoas: "Quem está com dinheiro por trás disso?

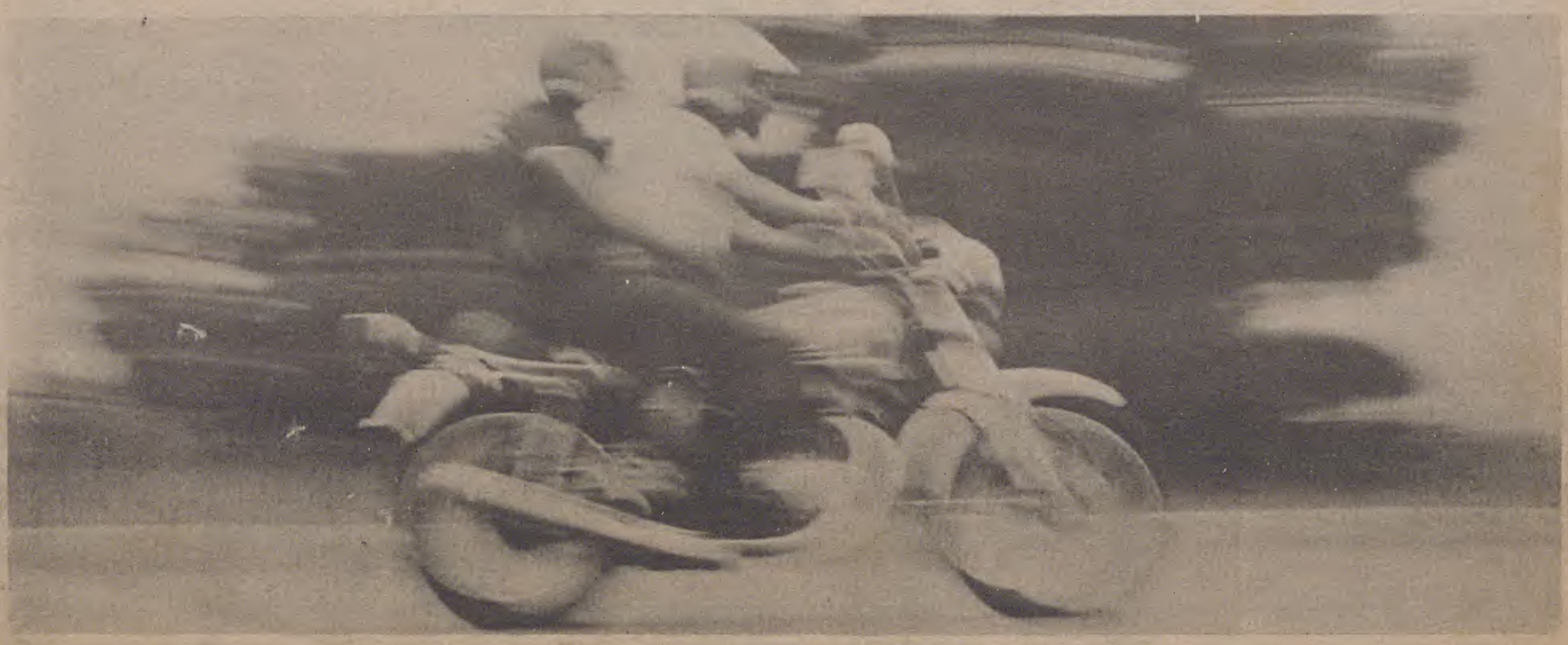


Hobby convida você para ultrapassar esse espaço quadrado em que você vive.

Hobby quer que você abra o colarinho. Esqueça o telefone, o interfone, a campainha, o computador, o gravador, o relógio, a buzina, o apito. Deixe a desculpa do cliente, a conversa do empregado, o papo do concorrente falando sozinho. Desvie o trânsito engarrafado, a fila do elevador, a papelada sobre a mesa, a agenda da secretária. E ultrapasse o espaço quadrado em que você vive. Hobby quer deixar bem claro que continua ao seu dispor a mais fácil, a mais acessível, a mais simpática maneira de você subir numa Honda e dar a partida para uma nova sensação de liberdade. Pelo espaço que é todo seu. Pela paisagem que vai envolver você. Visite Hobby e descubra os novos caminhos da sua vida. Hobby é Honda.

HOBBY REVENDEDOR AUTORIZADO HONDA MOTOR DO BRASIL LTDA.

HOBBY- COMÉRCIO DE VEÍCULOS LTDA.
JOÃO NEGRÃO, 1018 - TEL. 22-0601 - CURITIBA - PR

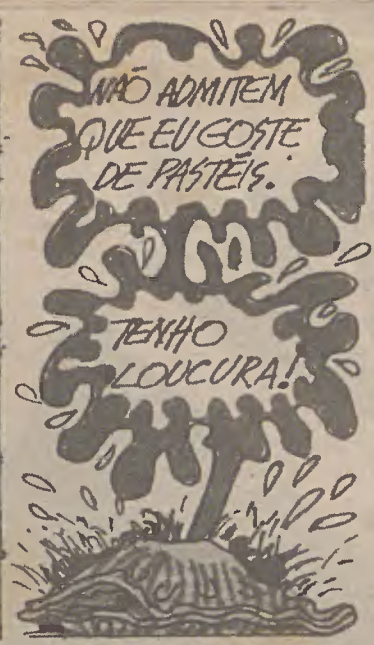


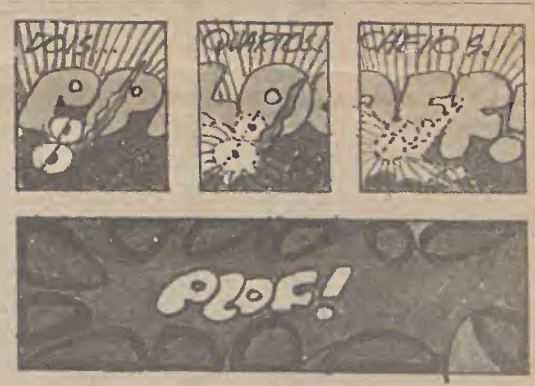
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

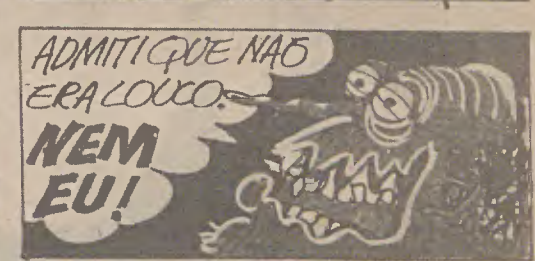
GOULAsschh?

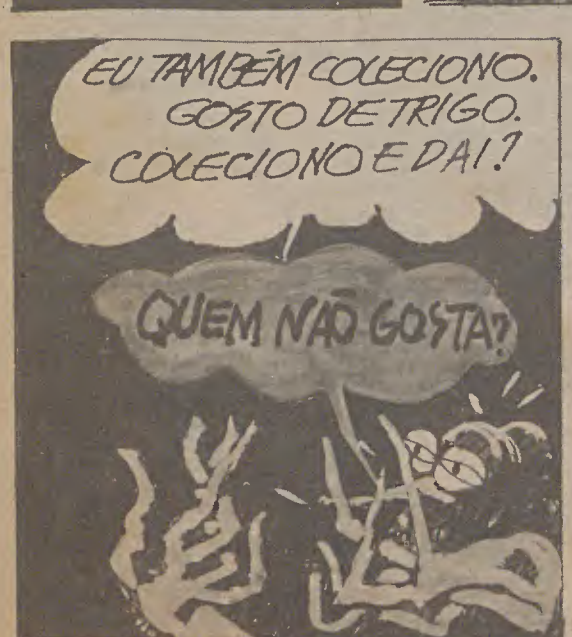
O DESGRAÇADO RIU.

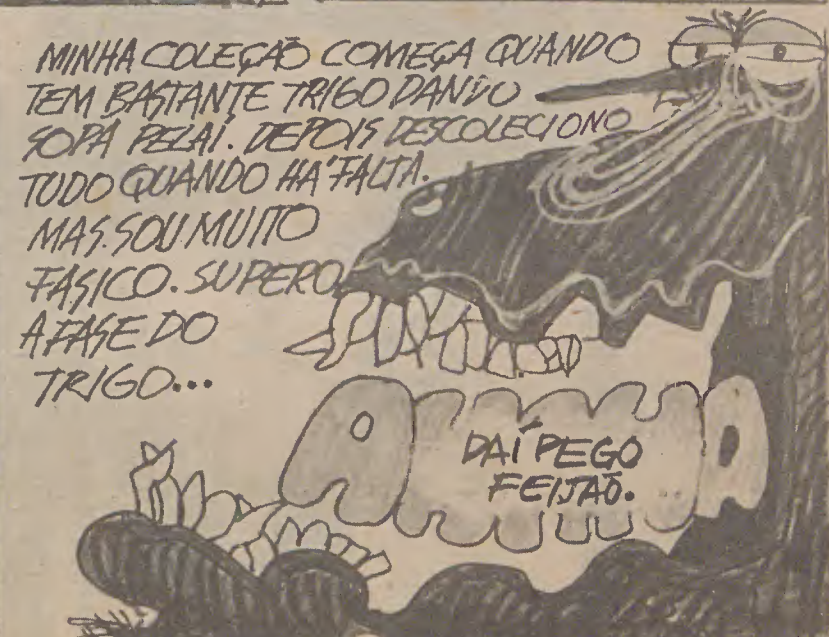
FICAMOS NUS, ELE E EU. EU E ELE, AMBOS NUS. NUS. E A SÓS. INICIOU ESSE PAPO JÁ VELHO CONHECIDO.











José Trajano (equipe Ex) "Não vão me fazer uma bosta".

TEXTO: PADRELA DES: RETA

Ex·panha
NO TE PERTURBA LA CLARIDAD COLÉRICA DO DIA NEM EL CUERPO SOMBRIO DE LA NOCHE, NO TE CALCIN
VIENES VICTORIOSA DAS GUERRAS DONDE PERDISTE TODAS AS BATALHAS. TODAS. TALVEZ POR ISSO MISMO TE SONRÍES.
QUANDO MADURA - COMO UN RACIMO - EN EL CORAÇÃO PROFUNDO DEL VERANO.
JAIME LEÃO